

CICLO DE ESTUDOS
MESTRADO EM TRADUÇÃO E SERVIÇOS LINGUÍSTICOS

**A (in)traduzibilidade dos nomes próprios na
obra de George Orwell *Animal Farm*
Relatório de Estágio na Editora Guerra & Paz**

Cláudia Aurélio

M

2024



Cláudia Aurélio

**A (in)traduzibilidade dos nomes próprios na
obra de George Orwell *Animal Farm*
Relatório de Estágio na Editora Guerra & Paz**

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Tradução e Serviços Linguísticos,
orientada pela Professora Doutora Elena Zagar da Cunha Galvão.

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2024

À Sara

Sumário

Declaração de honra	6
Agradecimentos.....	7
Resumo.....	8
Abstract	9
Índice de Figuras	10
Índice de Tabelas	11
Lista de abreviaturas e siglas.....	12
Introdução	13
1.Descrição da editora e do estágio.....	15
1.1. A editora: Guerra & Paz	15
1.1.1. A equipa.....	16
1.2. O tradutor literário	17
1.3. Descrição do estágio.....	21
1.4. As diferentes fases de trabalho.....	24
1.4.1. Fase prévia de tradução	24
1.4.2. A tradução	25
1.4.3. A revisão	28
1.4.4. A revisão “oficial” feita pela editora	31
1.5. Liberdades criativas e outras decisões	32
1.5.1. A canção “Beasts of England” e o poema “Comrade Napoleon”	33
1.5.2. O <i>bon mot</i> do Mr. Pilkington	42
1.5.3. Unidades de medida	43
1.5.4. Outras ocorrências criativas	45
2.O autor e a obra	46
2.1. Orwell e a Política	48
3.A tradução literária	51
3.1. A questão do título: <i>A Quinta dos Animais</i> ou <i>O Triunfo dos Porcos</i> ? - análise dos títulos da obra <i>Animal Farm</i> em Portugal.....	53
3.2. A tradução de nomes próprios.....	65
3.2.1. A (in)traduzibilidade dos nomes próprios em <i>Animal Farm</i>	69

Considerações Finais.....	82
Referências Bibliográficas	85
Anexos.....	87
Anexo 1- Imagem da capa e da contracapa de <i>Animal Farm</i> traduzida para a editora Guerra & Paz. 87	

Declaração de honra

Declaro que o presente relatório é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (textos, trabalhos, ideias) respeitam escrupulosamente as regras de atribuição de autoria e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Declaro, ainda, que não utilizei ferramentas de inteligência artificial generativa (chatbots baseados em grandes modelos de linguagem) para realização de parte(s) do presente relatório.

Porto, 2024

Cláudia Aurélio

Agradecimentos

Gostaria de agradecer à Professora Doutora Elena Galvão pela orientação, que foi absolutamente essencial para a conclusão deste relatório. Agradeço à editora Guerra & Paz pela oportunidade incrível e às assistentes editoriais Maria José Batista e Inês Figueiras por um acompanhamento fantástico durante todo o estágio. Agradeço especialmente à assistente editorial Maria José Batista pelo seu apoio ao longo deste processo, cujos ensinamentos irei levar comigo.

Por último, agradeço à minha colega de mestrado e amiga, Carolina Mendes, com quem partilhei o estágio e também muitas lágrimas. Sem ela, esta etapa não teria sido a mesma.

Resumo

O presente relatório de estágio foi realizado no âmbito do Mestrado em Tradução e Serviços Linguísticos. A editora Guerra & Paz selecionou duas estagiárias para a tradução de um clássico para a coleção “Admirável Mundo do Romance”. Durante o estágio foi traduzida a obra *Animal Farm* de George Orwell, assim como o prefácio que o autor escreveu em 1947 para a edição ucraniana. O relatório divide-se em três capítulos. O primeiro capítulo faz a apresentação das fases pelas quais passou o processo de tradução, ao mesmo tempo que introduz a editora. Este capítulo dá também especial relevância ao papel do tradutor literário na atualidade. O segundo capítulo introduz o autor e a obra, e o terceiro foca-se nos problemas de tradução de maior relevância: a questão do título e da (in)traduzibilidade dos nomes das personagens.

Palavras-chave: tradução literária, George Orwell, *Animal Farm*, intraduzibilidade, nomes próprios

Abstract

This internship report is part of the Master's in Translation and Language Services. The publishing house Guerra & Paz selected two interns to translate a classic for the “Admirável Mundo do Romance” collection. During the internship, George Orwell's *Animal Farm* was translated, as well as the preface that the author wrote in 1947 for the Ukrainian edition. The report is divided into three chapters. The first chapter presents the stages of the translation process and introduces the publishing house. This chapter also gives special emphasis to the role of the literary translator today. The second chapter introduces the author and the book, while the third focuses on the most important translation problems: the title and the (un)translatability of the characters' names.

Key-words: literary translation, George Orwell, *Animal Farm*, untranslatability, proper nouns

Índice de Figuras

FIGURA 1 - ORGANIGRAMA DA EQUIPA QUE COMPÕE A GUERRA & PAZ.....	17
FIGURA 2 - EXCERTO DO PRIMEIRO CAPÍTULO, COM COMENTÁRIOS DA ORIENTADORA.	25
FIGURA 3 - EXCERTO DO PRIMEIRO CAPÍTULO, COM PALAVRAS ASSINALADAS A AMARELO PARA INDICAR QUE PRECISAM DE SER REVISTAS.	26
FIGURA 4 - EXCERTO DA TRADUÇÃO DO PREFÁCIO À EDIÇÃO UCRANIANA DE 1947, COM INDICAÇÕES A AMARELO E VERMELHO QUE ALERTAM PARA UMA REPETIÇÃO EXCESSIVA DE ADVÉRBIOS TERMINADOS EM "-MENTE".	27
FIGURA 5 - EXCERTO DA TRADUÇÃO DO PREFÁCIO À EDIÇÃO UCRANIANA DE 1947, COM FRASES SUBLINHADAS QUE INDICAM SER NECESSÁRIA UMA REFORMULAÇÃO PARA DEIXAR O TEXTO MAIS FLUÍDO.	27
FIGURA 6 - EXCERTO DO CAPÍTULO 1, COM INDICAÇÕES DA ORIENTADORA, NO QUE DIZ RESPEITO À AVALIAÇÃO DA LINGUAGEM DO TEXTO EM PORTUGUÊS, NA REVISÃO MONOLINGUE.	28
FIGURA 7 - RESPOSTA DA ORIENTADORA MARIA JOSÉ BATISTA QUE AVALIA A LINGUAGEM DO TEXTO EM PORTUGUÊS, NA REVISÃO MONOLINGUE.	29
FIGURA 8 - EXCERTO DA OBRA ENVIADO PELA EDITORA PARA APROVAÇÃO.	32
FIGURA 9 - EXCERTO DA OBRA ENVIADO PELA EDITORA PARA APROVAÇÃO.	32

Índice de Tabelas

TABELA 1 - TABELA QUE COMPARA AS DIFERENTES FASES PELAS QUAIS PASSOU O PRIMEIRO PARÁGRAFO DO PRIMEIRO CAPÍTULO.	29
TABELA 2 - TABELA QUE COMPARA A PRIMEIRA TRADUÇÃO DO POEMA “BEASTS OF ENGLAND” COM O ORIGINAL	34
TABELA 3 - TABELA QUE COMPARA A REVISÃO BILINGUE COM A REVISÃO MONOLINGUE, E AS ALTERAÇÕES.....	35
TABELA 4 - TABELA QUE COMPARA A PRIMEIRA TRADUÇÃO DO POEMA “COMRADE NAPOLEON” COM O ORIGINAL.....	38
TABELA 5 - TABELA QUE COMPARA A REVISÃO BILINGUE COM A REVISÃO MONOLINGUE, COM AS ALTERAÇÕES. 40	
TABELA 6 - COMPARAÇÃO DO <i>PUN</i> COM A PRIMEIRA TRADUÇÃO E AS REVISÕES MONOLINGUE E BILINGUE	43
TABELA 7 - COMPARAÇÃO DA TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO DO USO DE UNIDADES DE MEDIDA EM INGLÊS.....	43
TABELA 8 - COMPARAÇÃO DA TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO DO USO DA UNIDADE DE MEDIDA <i>STONE</i>	44
TABELA 9 - APRESENTAÇÃO DE UMA SOLUÇÃO CRIATIVA, EM COMPARAÇÃO COM O ORIGINAL	45
TABELA 10 - APRESENTAÇÃO DE UMA SOLUÇÃO CRIATIVA, EM COMPARAÇÃO COM O ORIGINAL.....	46
TABELA 11 - RECOLHA DOS DIFERENTES TÍTULOS DA OBRA <i>ANIMAL FARM</i> EM PORTUGAL DESDE A SUA PRIMEIRA PUBLICAÇÃO EM PORTUGAL ATÉ 2023.	53
TABELA 12 – TRADUÇÃO DO TÍTULO E SUBTÍTULO DE <i>ANIMAL FARM</i> EM DIFERENTES LÍNGUAS EUROPEIAS.	64
TABELA 13 – TABELA QUE COMPARA AS DIFERENTES OPÇÕES DOS TRADUTORES DE <i>ANIMAL FARM</i> PARA OS NOMES DAS PERSONAGENS ANIMAIS.	69
TABELA 14 - TABELA QUE COMPARA AS DIFERENTES OPÇÕES DOS TRADUTORES DE <i>ANIMAL FARM</i> PARA OS NOMES DAS PERSONAGENS HUMANAS.....	70
TABELA 15 - TABELA QUE COMPARA AS DIFERENTES OPÇÕES DOS TRADUTORES DE <i>ANIMAL FARM</i> PARA OS NOMES DOS LOCAIS MAIS IMPORTANTES.....	71

Lista de abreviaturas e siglas

MTSL.....	MESTRADO EM TRADUÇÃO E SERVIÇOS LINGÜÍSTICOS
APEL	ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE EDITORES E LIVREIROS
AT.....	AUTORIDADE TRIBUTÁRIA
G&P.....	GUERRA & PAZ
POUM	PARTIDO OPERÁRIO DE UNIFICAÇÃO MARXISTA

Introdução

O presente relatório é redigido no âmbito do Mestrado em Tradução e Serviços Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, com o objetivo de descrever e refletir sobre a experiência de estágio, que se realizou na empresa Guerra & Paz, Editores, Lda. no período entre fevereiro e julho de 2023. O estágio foi realizado totalmente em regime de teletrabalho e foi dedicado inteiramente à tradução da obra *Animal Farm* de George Orwell.

O relatório divide-se em três capítulos. No primeiro, é descrita a editora e o processo de estágio, que se desenvolveu em várias fases de trabalho: a fase prévia que correspondeu à familiarização necessária com o autor e a obra, a fase da tradução do texto e a fase das revisões bilingue e monolíngue. Por fim, é analisada a revisão “oficial” da obra feita pela revisora Ana Cristina Câmara. É ainda analisado o trabalho do tradutor literário na atualidade e são trazidos os testemunhos de profissionais da área, que, neste momento, se encontram descontentes com o atual panorama de precariedade laboral.

No segundo capítulo, é contextualizada a situação política e os acontecimentos históricos que marcaram a vida do autor e influenciaram a obra. Uma vez que a obra *Animal Farm* segue de perto a história da União Soviética, desde a revolução de outubro de 1917 até à Conferência de Teerão, é descrita a narrativa e são descritas as personagens que correspondem às personalidades históricas deste período.

Através de uma fábula satírica, Orwell quis alertar para as atrocidades cometidas pelo totalitarismo soviético e a corrupção dos ideais da revolução pela sede de poder. Graças à sua forma, à sua linguagem simples e personagens unidimensionais (próprias das fábulas), a obra foi confundida com uma história para crianças e, por isso, muitas editoras poderão ter eliminado o subtítulo *A Fairy Story* das suas edições e não traduzido os nomes das personagens. No terceiro capítulo, é feita uma breve introdução acerca do texto literário, são abordadas diferentes perspetivas acerca da

tradução do título, que em Portugal é conhecido como *O Triunfo dos Porcos*, e é realizada uma análise às decisões que diferentes tradutores tomaram em relação à tradução dos nomes das personagens. Havendo uma tradição de que os nomes das personagens não se traduzem, é analisada de que forma é que traduzir os nomes das personagens em *Animal Farm* vai ao encontro da intencionalidade de Orwell ao escrever uma alegoria que pretendia ser uma fábula satírica.

1. Descrição da editora e do estágio

O estágio curricular necessário à conclusão do Mestrado em Tradução e Serviços Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade do Porto realizou-se na empresa Guerra & Paz, Editores, Lda. Teve início em fevereiro de 2023 e terminou em julho do mesmo ano. O plano de estudos do MTSL prevê que o estágio tenha uma duração de 375 horas. Contudo, uma vez que este foi realizado à distância e envolveu a tradução de uma obra literária, é difícil fazer uma contabilização exata do número de horas despendidas para concluir o projeto de tradução. A tradução da obra passou por diferentes fases, desde o estudo prévio, até à revisão que foi entregue apenas em setembro de 2023, levada a cabo pela revisora Ana Cristina Câmara.

1.1. A editora: Guerra & Paz

A Guerra & Paz é uma editora generalista fundada em 2006, em Lisboa. Com um volume de produção de cerca de 100 livros por ano, além de publicações de originais em português, a editora publica também traduções de um conjunto muito diverso de línguas, incluindo o romeno, húngaro, italiano, alemão, mas, sobretudo, o francês e o inglês. A editora lança cerca de 10 a 15 livros por mês, com um catálogo muito diversificado no que toca aos géneros literários. Trata-se de uma editora que pretende ser irreverente e arrojada nas suas publicações, afirmando que “é preciso virar a página” (Guerra & Paz Editores, s.d.). A divisão das áreas temáticas que acompanha as diferentes coleções é feita por cores. Os livros brancos são livros pequenos “fulgurantes e imortais” (Guerra & Paz Editores, s.d.), os livros negros apresentam “títulos malditos proibidos, rebeldes e transgressivos” (Guerra & Paz Editores, s.d.), os livros vermelhos abordam temas de história e atualidade política, os livros amarelos reúnem dois textos de autores diferentes, marcados pela irreverência do tipo de letra e do design com corte e pintura manual, onde a imagem é muito importante, uma vez que completa o texto. Outros géneros passam pela poesia, romance (a coleção “Admirável Mundo do Romance”) e entrevistas (coleção “O Fio da Memória”) do presidente da Sociedade Portuguesa de Autores, José Jorge Letria, a várias

personalidades da área da cultura e da ciência acerca de questões que dizem respeito ao que é ser autor atualmente e às perspetivas para o futuro. A editora possui também uma coleção de Atlas, de temática histórica e disponibiliza ainda livros em formato digital, apesar de reconhecer que não existe muita adesão.

Quanto à linha do negócio, a Editora afirma que existe atualmente uma discrepância entre o universo dos leitores e a compra de livros, e que os apoios governamentais são muito escassos. Algumas dificuldades do setor passam pelo facto de a poesia vender muito pouco em Portugal, sendo assim muito arriscado investir neste género literário.

O trabalho de assistente editorial está ligado a um prestador de serviços linguísticos que pode trabalhar como freelancer ou não, e desempenha funções de gestor. Com a exceção dos grandes grupos editoriais como Leya, Penguin e Bertrand, as editoras são pequenas e ao assistente editorial cabe muitas vezes a tradução, mas principalmente a revisão interna do trabalho, a edição e a revisão. Muitas vezes o assistente editorial funciona também como um moderador/mediador entre autores/ tradutores e revisores.

1.1.1. A equipa

A equipa da Guerra & Paz é composta pela Dra. Maria José Batista e pela Dra. Inês Figueiras, que são as assistentes editoriais e trabalham diretamente com o Dr. Manuel Fonseca, o editor e dono da editora. A Dra. Rita Fonseca acompanha o trabalho do Dr. Manuel Fonseca. O Dr. Ilídio Vasco é o responsável pelo Departamento de Design e Paginação e trabalha com paginadores e infografistas externos. O Dr. Mário Borges é o responsável pelo Departamento de Comunicação, Marketing e Comunicação nas Redes sociais. É ele quem contacta com jornalistas, apresenta os livros aos leitores e à crítica, e faz a mediação com autores portugueses, através de entrevistas. O Dr. Américo Araújo está encarregue do Departamento de Marketing e Vendas e estabelece a comunicação entre os livreiros, tanto de livrarias de grandes superfícies como de rua. Os livros chegam às livrarias por dois métodos: “à consignação”, método em que a editora envia os livros às livrarias e, após um determinado período de tempo, recebe de volta os volumes que não foram vendidos; ou por “compra direta”, método em que

o livreiro fica com os livros, independentemente de estes terem sido vendidos ou não. A editora trabalha com a distribuidora VASP e tem um pequeno armazém no escritório para responder a pedidos do site. O grosso da impressão vai para a VASP, que é a maior distribuidora a nível nacional. A Dra. Carla Castela trata da administração, pedidos de livros quando vão a concurso, contratos de tradução, encomendas do site e envios por CTT. Presta também apoio ao Dr. Mário Borges, que envia livros aos jornalistas, e coordena com o Dr. Américo Araújo a gestão dos stocks e dos pedidos à VASP, faturas e gestão administrativa dos contratos, dando também apoio ao Departamento Contabilístico e Financeiro, departamento do qual o Dr. José Cardoso está encarregue. Por fim, a editora não tem uma equipa interna de tradutores e revisores, mas trabalha com colaboradores externos.

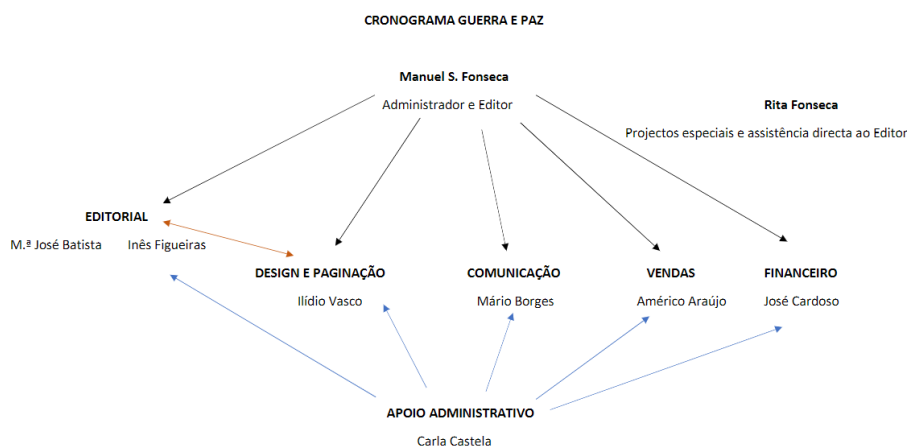


Figura 1 - Organograma da equipa que compõe a Guerra & Paz.

O nome do tradutor é sempre colocado na ficha técnica da editora, salvo indicação contrária por parte do tradutor. O mesmo acontece para o revisor, o designer e o paginador.

1.2. O tradutor literário

Atualmente, a precariedade das condições de trabalho do tradutor literário torna difícil a entrada de novos tradutores no mercado. Nos últimos anos, o impacto da pandemia do coronavírus e o aumento da inflação levaram a uma estagnação e até mesmo uma diminuição dos honorários dos tradutores literários. Apesar de, recentemente, ter havido um aumento de vendas por parte das editoras e um aumento de leitores, este crescimento não se refletiu em melhores condições para os tradutores. Por este motivo, em 2024, foi criado um coletivo de tradutores literários com o objetivo de lutar por melhores condições do que consideram ser “um ofício de máxima responsabilidade exercido num contexto de surpreendente precariedade laboral, se atendermos ao peso cada vez maior da literatura traduzida nas receitas crescentes do mercado livreiro português” (Coletivo de Tradutores Literários, s.d.).

O coletivo realça o privilégio e a responsabilidade inerentes à tradução e o dever do tradutor como “um dever cívico. Um dever para com o outro, a sociedade e o mundo” (Coletivo de Tradutores Literários, s.d.). O coletivo aponta para a discrepância que existe entre o mercado do livro e os honorários do tradutor, que se mantiveram inalterados nos últimos 20 anos, acrescentando que:

Dados divulgados a 24 de janeiro de 2024 pela APEL [Associação Portuguesa de Editores e Livreiros], resultantes do estudo conduzido pela GfK, apontam para um crescimento da venda de livros em Portugal na ordem dos 5% em 2023, face a 2022, confirmando uma tendência de crescimento de anos anteriores (15% em 2022 e 16% em 2021) que, embora menos pronunciada em 2023, só demonstra a resiliência do setor em tempos de inflação e retração económica. O estudo revela ainda que este crescimento decorre do aumento da venda de livros nas duas categorias com maior peso no mercado: a ficção e a ficção infantojuvenil, que cresceram ambas 9% face a 2022. (Coletivo de Tradutores Literários, s.d.)

O coletivo afirma ainda que, além da estagnação dos honorários entre 7,5 e 8 euros por 1800 caracteres¹, existem ainda propostas abaixo desses valores que afirmam “roçar o insulto” (Coletivo de Tradutores Literários, s.d.), rondando 4,5 ou 6 euros por página de 1800 ou 6,5 euros por página de 2000 caracteres. Além deste estado de “calamidade” (Coletivo de Tradutores Literários, s.d.), estes tradutores queixam-se ainda, no seu manifesto, de prazos de execução e de pagamento do trabalho muitas vezes irrealistas, indefinição contratual, condições danosas para o tradutor, e de se verem invisíveis tanto nas plataformas online das editoras como nas capas dos livros (Coletivo de Tradutores Literários, s.d.). Alertam ainda para o uso intrusivo e a forma indiscriminada com que a inteligência artificial é usada na tradução (e que o coletivo rejeita), considerando-a ser um problema crescente no mercado (Coletivo de Tradutores Literários, s.d.). Neste sentido, o coletivo lança um manifesto que tem como objetivo:

alertar os editores (e os cidadãos no geral) para o risco de termos de prescindir, num futuro próximo, de toda uma classe profissional que, até agora, tem feito grandes sacrifícios pessoais para manter acesa a última chama deste ofício: o facto de ser exercido, antes de mais, por paixão.

(Coletivo de Tradutores Literários, s.d.)

Os cerca de 40 tradutores que compõem este coletivo defendem assim melhores condições de trabalho, exigindo contratos de tradução, ao invés de contratos das obras por encomenda, e contratos mais justos e equitativos entre tradutores e editores (Coletivo de Tradutores Literários, s.d.). Para garantir condições económicas que possam fazer jus a uma redução e estagnação de honorários, o coletivo exige uma tarifa mínima justa e sugere 8,5 ou 9 euros por página de 1800 caracteres com espaçamentos; rejeita a invisibilidade a que o tradutor fica relegado e exige a menção

¹ Utiliza-se este número padrão porque, no passado, a contabilização era feita por lauda e não página. Uma lauda correspondia a uma página dactilografada com cerca de 30 linhas e os caracteres podiam variar. O valor de 1800 caracteres era usado como media padrão, não para designar uma folha, mas várias. Por exemplo, se fossem referidas 10 laudas, assumia-se que seriam 10 laudas com 1800 caracteres.

do nome do tradutor nas capas e nas plataformas online (Coletivo de Tradutores Literários, s.d.). O coletivo alerta ainda para o enquadramento fiscal contraditório muitas vezes praticado pelas editoras, chamando a atenção para o estatuto indefinido do tradutor literário perante a Autoridade Tributária (AT) que:

carece de uma posição coerente e coesa por parte dos seus empregadores.

Neste momento, alguns editores exigem que os tradutores emitam recibos no enquadramento de «criação literária e artística»; outros preferem que se use código de atividades económica de tradutores, que engloba todas as dimensões da tradução, a de livros e a técnica. Acima de tudo, cabe à AT clarificar o estatuto do tradutor literário e aos editores aceitarem um estatuto único na emissão dos recibos. (Coletivo de Tradutores Literários, s.d.)

O coletivo considera que a solução passa por os tradutores literários poderem “emitir as suas faturas enquadradas na atividade de «criação artística e literária», com os benefícios fiscais a nível do IRS e do IVA que isso implica.” (Coletivo de Tradutores Literários, s.d.).

Numa entrevista realizada por Carolina Alves aquando do seu estágio na Guerra & Paz em 2021, o tradutor literário Ivan Figueiras partilha a sua experiência e afirma que o tradutor literário “continua a ser um profissional sem um estatuto a que se dê grande importância e que não goza do respeito que lhe é devido” (Alves, 2021, p. 59).

Quando interrogado acerca das dificuldades pelas quais um tradutor literário passa no mercado de trabalho, Ivan Figueiras menciona a escassez de oportunidades, afirmando que, muitas vezes, sem contactos na área ou pura sorte é muito difícil para o tradutor entrar no mundo editorial, e que existe uma tendência para dar traduções a personalidades do mundo literário, “o que é feito com o objetivo de poder chegar a um público mais vasto e possivelmente alcançar um maior número de vendas” (idem). Ivan Figueiras explica também que as editoras privilegiam traduções indiretas de línguas “exóticas” que, geralmente, são feitas a partir do inglês, pois acredita ser possível que a contratação de um tradutor de inglês se reflita num menor custo para a editora, ainda que a qualidade da tradução possa ficar comprometida (idem).

Outros aspetos importantes no que toca ao trabalho do tradutor literário são a sua invisibilidade e os direitos de autor. Quando questionado acerca da visibilidade do tradutor literário, Ivan Figueiras afirma que o tradutor literário “em Portugal é uma figura quase inexistente, que dedica a sua vida a um trabalho de produção de textos aos quais nunca pode chamar seus” (Alves, 2021, p. 60), já que não existem direitos de autor para o tradutor literário em Portugal, acrescentando que até mesmo na ficha técnica foi difícil que o seu nome constasse em muitos dos livros por ele traduzidos (idem). Na entrevista, o tradutor comenta que existe uma “grande componente do estilo da tradução que é do tradutor e não do autor” (Alves, 2021, p. 84) e que, apesar de se verificar um reconhecimento cada vez maior das traduções, o público continua, em geral, a não prestar muita atenção (Alves, 2021, p.60).

Na entrevista realizada em 2021, Ivan Figueiras vem confirmar o que foi proposto pelo coletivo de tradutores literários em 2024 no que toca à questão dos direitos de autor e considera que:

precisamos de mais direitos de autor, não tenho qualquer propriedade intelectual sobre o que traduzi, e acho que não é muito justo, porque nós perdemos muitas horas da nossa vida e da nossa capacidade intelectual a produzir aquilo com que depois a editora vai lucrar, e nós só lucramos o valor estabelecido inicialmente. Os direitos de autor para o tradutor acho que era o mais justo (Alves, 2021, p. 84)

Por fim, no que toca ainda à visibilidade do tradutor, Figueiras pensa que existem “diferentes graus de editoras” (idem) e felicita a Guerra & Paz por colocar o nome do tradutor em destaque, sendo que em outras editoras aparece apenas na ficha técnica (Alves, 2021, p. 60).

1.3. Descrição do estágio

Cabe aos alunos do mestrado escolher o seu local de estágio e, por isso, fica a cargo dos mesmos contactar as empresas de tradução. Com o objetivo de trabalhar na área da tradução literária foram contactadas 8 editoras, das quais apenas duas

responderam, mostrando-se indisponíveis para aceitar estagiários. A oportunidade de estágio na editora Guerra & Paz surgiu através da rede social LinkedIn, quando a assistente editorial, a Dra. Maria José Batista, respondeu a uma publicação feita pela docente de Comunicação Especializada (Tradução Económico-Financeira), a Prof.^a Dra. Susana Peixoto. Esta publicação teve como objetivo auxiliar os alunos de mestrado na sua procura de estágio curricular na área da tradução. A editora mostrou-se interessada em acolher dois estagiários, pedindo-lhes que enviassem o currículo por e-mail e que sugerissem duas obras de domínio público que ainda não tivessem sido publicadas em Portugal e que fossem do seu interesse. Estas sugestões acabaram por não ser escolhidas pela editora e, depois deste primeiro contacto, foi realizada uma reunião com a colega de mestrado Carolina Mendes e com as assistentes editoriais, a Dra. Maria José Batista e a Dra. Inês Figueiras. Nesta reunião foi explicado como decorreria o estágio e quais seriam as obras a traduzir. Não foram necessários quaisquer testes de admissão ao estágio e a editora sugeriu a tradução de *A Christmas Carol* de Dickens e *Animal Farm* de George Orwell. As obras foram atribuídas às estagiárias através de sorteio e, por isso, de forma aleatória.

O estágio realizou-se à distância, uma vez que a editora se localiza em Lisboa, e foi dada à estagiária uma grande autonomia na gestão do tempo de trabalho. Em resultado do sorteio foi traduzido, durante o estágio, o clássico *Animal Farm*, de George Orwell, e o prefácio que o autor escreveu para a edição ucraniana de 1947. Tratou-se de uma tradução integral da obra do inglês para o português europeu.

Ao longo do estágio, o trabalho foi acompanhado através de sessões quinzenais (treze no total) com a duração de cerca de três horas, onde as orientadoras da editora puderam avaliar o trabalho realizado até ao momento e responder a dúvidas. As primeiras cinco sessões destinaram-se à introdução e contextualização do trabalho do tradutor literário, e as restantes oito foram dedicadas ao acompanhamento da tradução e revisão do texto.

Nas cinco sessões iniciais, as orientadoras apresentaram a editora, a linha editorial e de negócio, assim como o livro de estilo e o acordo ortográfico de 1945, que é o utilizado pela editora. Foi ainda realizada uma apresentação acerca do universo da

tradução literária e respetivos desafios, dando especial atenção ao autor da obra a ser traduzida, à época em que a obra foi escrita e ao estilo. Além da descrição do fluxo de trabalho e do trabalho do assistente editorial, as orientadoras apresentaram ainda três “desafios”. Estas pequenas tarefas vieram acompanhadas de algumas sessões por Zoom nas quais as orientadoras falaram acerca de revisão e pós-edição de tradução automática no contexto da tradução literária.

A primeira tarefa consistiu na revisão de um excerto, com cerca de 450 palavras, da tradução de *A Christmas Carol* da colega de estágio, Carolina Mendes. O objetivo deste exercício foi apontar o que, na tradução, parecia pouco natural e fluído, sendo necessário encontrar soluções que privilegiassem a compreensão do texto em português, mesmo não sendo as mais próximas ao texto de partida. Este exercício também levou a que existisse um sentimento de entreajuda entre as estagiárias que, com um olhar “fresco” e distanciado, puderam dar sugestões e apontar erros no texto uma da outra, que foram assinalados utilizando a funcionalidade ‘registar alterações’ do Word. Esta tarefa ajudou a estagiária a identificar frases que pareciam pouco naturais no seu próprio texto, fazendo alterações de forma a tornar a leitura mais fluída.

A segunda tarefa dividiu-se em dois “desafios”: um de revisão e outro de pós-edição. Foi enviado um excerto da obra *Happy Place* de Emily Henry para revisão e um excerto da obra *The Defining Decade: Why Your Twenties Matter-And How to Make the Most of Them* para pós-editar. O excerto de ficção, publicado em Portugal, para revisão tinha cerca de 600 palavras e, utilizando a funcionalidade ‘registar alterações’, deveriam ser feitas as alterações necessárias e colocar comentários com dúvidas ou sugestões. O excerto de não ficção, com cerca de 500 palavras, publicado no Brasil, havia sido traduzido automaticamente e deveria ser pós-editado utilizando, mais uma vez, a funcionalidade ‘registar alterações’, adicionando comentários com dúvidas. A segunda parte da tarefa consistiu em ler os excertos traduzidos de *As Irmãs* de James Joyce e *O Emblema Rubro da Coragem* de Stephen Crane e avaliar, de uma forma geral, a escrita em português europeu fazendo, depois, uma avaliação da tradução para saber se os excertos em português obedeciam aos seguintes parâmetros: é legível

(lê-se bem); a escrita é literária (bonita, elegante, fluída); precisa de depuração (mexer nas frases); é para todas as idades; respeita as normas da G&P; está colada ao original.

Na terceira e última tarefa, foi-nos pedido para adaptar para português europeu um excerto da tradução em português do Brasil de duas obras: *It Ends With Us* de Colleen Hoover e *Summit Lake* de Charlie Donlea. Pediram-nos para introduzir todas as alterações necessárias (ortografia, sintaxe, terminologia, etc.) de forma a que os textos se lessem fluentemente na variante de destino. Também nos foi pedida uma leitura comparativa do original e da tradução, ao longo da qual tínhamos de realçar a amarelo as partes consideradas mal traduzidas. Por fim, tivemos de preencher uma ficha de avaliação da qualidade da tradução entre 0 a 5, sendo que 5 significaria que a tradução estava fluída e exata, e as escolhas feitas pelos tradutores foram as mais adequadas.

Não tendo a estagiária qualquer contacto prévio com o mundo da tradução literária, estas tarefas foram importantes para perceber que soluções funcionam no texto e se apresentam mais fluidas, percebendo também que seguir o texto de partida de forma muito literal por receio de “perturbar” a tradução pode acabar por comprometer a leitura do texto na língua de chegada. Com os exercícios de edição e pós-edição no contexto da tradução literária foi possível compreender melhor as diferentes opções de tradução e adquirir algum conhecimento sobre a forma como os tradutores literários com vasta experiência realizam as suas traduções.

1.4. As diferentes fases de trabalho

O trabalho de estágio pode ser dividido em três grandes fases: preparação para a tradução, a tradução e, por fim, a revisão, bilingue e monolingue, do texto.

1.4.1. Fase prévia de tradução

Antes de começar a tradução foi feita uma leitura integral do texto para que houvesse já uma familiarização com o estilo do autor e a narrativa. Depois, foi realizada uma análise ao contexto histórico e cultural da obra, da época e do autor, ao qual será

dedicado o próximo capítulo do relatório. A orientadora de estágio, a Dra. Maria José Batista, realizou ainda uma sessão de orientação acerca do autor, da obra e do estilo, na qual foi trazida atenção para o simbolismo e a sátira presentes no texto. Nesta sessão foi possível discutir o estilo de George Orwell como sendo direto e um pouco jornalístico, sem descrições floreadas e cuja linguagem, além de direta e concisa, é também concreta, factual e entregue em frases curtas, na terceira pessoa, com um narrador onisciente.

1.4.2. A tradução

Na primeira sessão com as orientadoras da editora foi dada a indicação de que deveriam ser enviados excertos do texto à medida que a tradução ia sendo feita, para que esta pudesse ser acompanhada de perto. O envio dos excertos para as orientadoras foi feito quinzenalmente e o volume de páginas apresentado variou consoante a dificuldade dos capítulos. A obra tem dez capítulos e, quinzenalmente, foi enviado pelo menos um capítulo. Os capítulos eram depois revistos e enviados de volta por e-mail, consoante a disponibilidade da Dra. Maria José Batista, com anotações, sugestões e destaques a amarelo que indicavam ser necessária uma revisão para evitar repetições, arranjar sinónimos ou, simplesmente, indicar quando determinadas formações frásicas soavam pouco naturais. São apresentados dois exemplos nas Figuras 2 e 3.

forma muito persuasiva de andar de um lado para o outro e agitar a cauda. De tal forma que os outros costumavam dizer que Squealer conseguia fazer qualquer um acreditar que o céu era vermelho.

Com os ensinamentos do velho Major, estes três porcos tinham criado um sistema de pensamento completo, ao qual deram o nome de Animalismo. Várias noites por semana, depois do senhor Jones estar a dormir, eles organizavam reuniões no estábulo e explicavam os princípios deste sistema de pensamento aos outros. No início, foram confrontados com muita estupidez e apatia por parte dos restantes animais. Alguns falavam da lealdade que ainda deviam ao senhor Jones, referindo-se a ele como «Mestre» e retorquiam elementamente: «o senhor Jones alimenta-nos, se ele não estivesse aqui, morreríamos à fome». Outras perguntas como «Porque haveríamos de

¹ A tradução literal de «Squealer» é «Guinchador», no entanto, pode também referir-se a um informador ou denunciador.

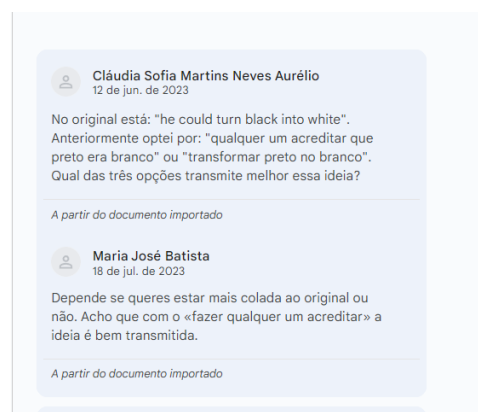


Figura 2 - Excerto do primeiro capítulo, com comentários da orientadora.

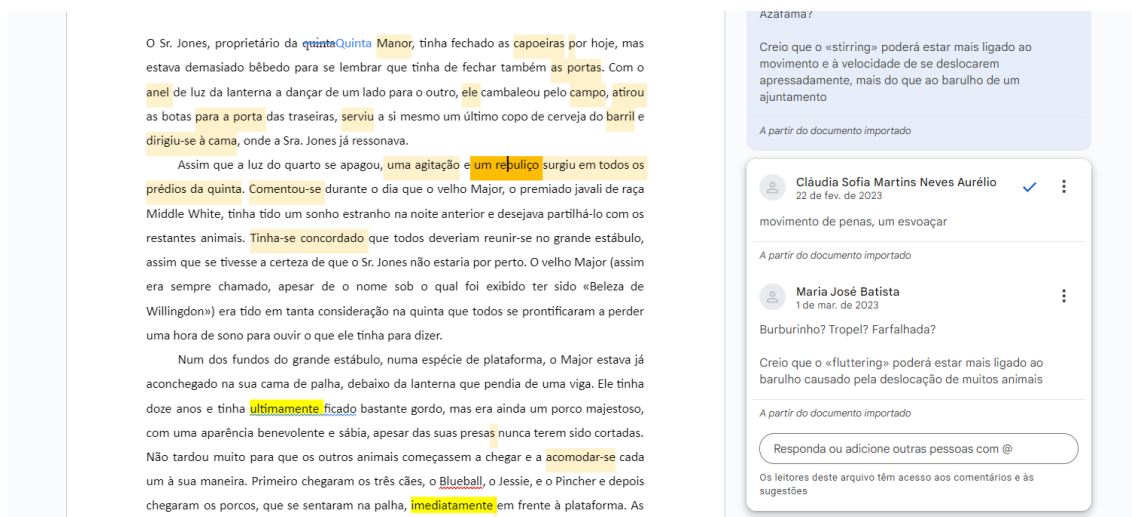


Figura 3 - Excerto do primeiro capítulo, com palavras assinaladas a amarelo para indicar que precisam de ser revistas.

O mesmo aconteceu com a tradução do prefácio à edição ucraniana de 1947, que iria ser publicado com a obra. Depois de terminada, a tradução foi enviada para revisão, com dúvidas deixadas em comentários relativamente a vocabulário específico, como se verificou, por exemplo, na tradução de “public schools” que, apesar de se chamarem “públicas” são, na realidade, escolas privadas caras e de prestígio. Foi necessário saber se devia ser colocada uma nota de rodapé ou traduzir literalmente. Optou-se pela escolha da opção “escolas privadas inglesas”, sem nota de rodapé, uma vez que, de acordo com as linhas de orientação da editora, as notas de rodapé devem ser evitadas e usadas apenas quando indispensáveis ou muito relevantes. Uma crítica recorrente apontada pela orientadora de estágio foi a utilização excessiva de advérbios terminados em “-mente”, como assinalados a amarelo na figura, de forma a evitar a repetição e o congestionamento do texto.

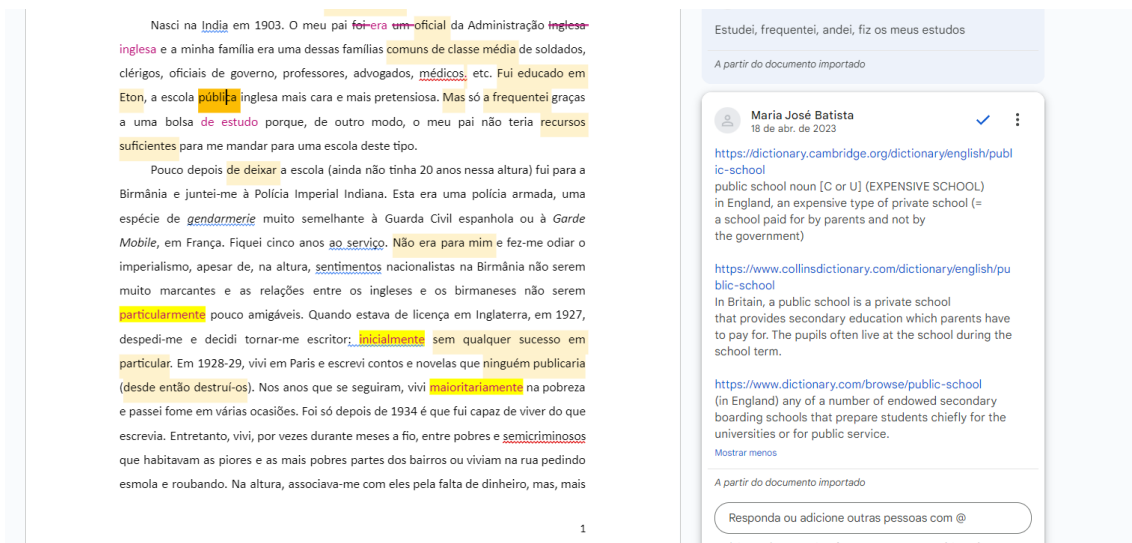


Figura 4 - Excerto da tradução do prefácio à edição ucraniana de 1947, com indicações a amarelo e vermelho que alertam para uma repetição excessiva de advérbios terminados em "-mente".

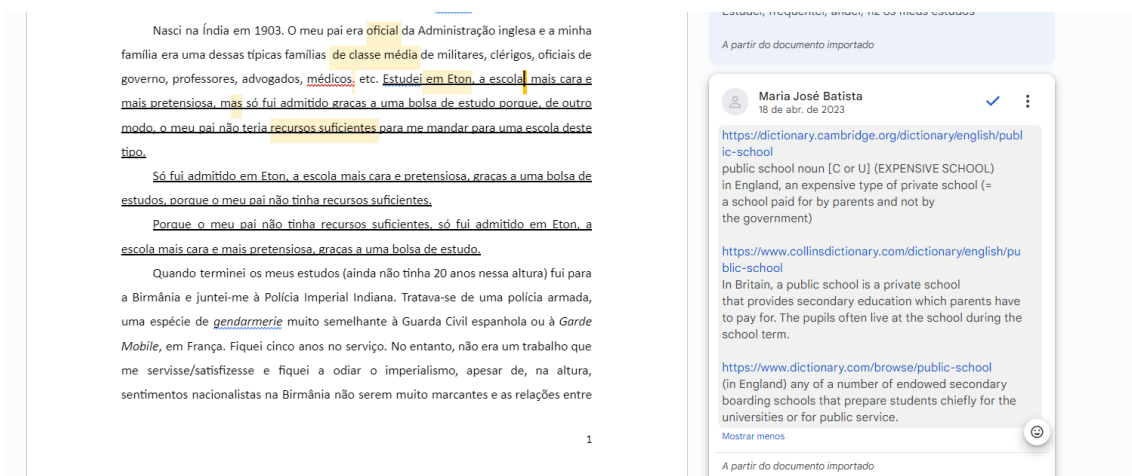


Figura 5 - Excerto da tradução do prefácio à edição ucraniana de 1947, com frases sublinhadas que indicam ser necessária uma reformulação para deixar o texto mais fluído.

A primeira tradução foi realizada de uma forma mais literal e mais próxima ao original, com o intuito de investigar e resolver problemas pontuais. Um destes foi a tradução ou não tradução dos nomes das personagens e dos locais, uma vez que estes remetem para personalidades históricas e locais reais. Uma outra questão foi a tradução do título. A editora optou por traduzir o título como *A Quinta dos Animais*, com o

subtítulo *O Triunfo dos Porcos*, e por não traduzir os nomes das personagens e dos locais. Esta opção será discutida e explicada em pormenor no capítulo: “A questão do título: *A Quinta dos Animais* ou *O Triunfo dos Porcos* ? - análise dos títulos da obra *Animal Farm* em Portugal”.

1.4.3. A revisão

Depois da primeira tradução, e tendo em conta as indicações da orientadora, foi feita uma revisão bilingue do texto de forma a que a estagiária pudesse certificar-se de que nada tinha sido esquecido ou traduzido de forma errada. A esta revisão seguiu-se outra, desta vez monolingue, durante a qual foi necessário verificar se a linguagem era fluída e se o texto em português era compreensível. Nesta fase, foi necessário introduzir alterações com o objetivo de tornar o texto mais natural e menos literal. De facto, a estrutura de muitas orações tinha ficado muito próxima à do original, especialmente no caso de orações curtas, o que acentuava o efeito jornalístico e incisivo da tradução, desprivilegiando um registo e estilo mais literário.

Ao longo deste processo foram enviadas para a orientadora várias versões da obra para que pudesse ser feita uma avaliação da revisão monolingue, como exemplificado na Figura 6.

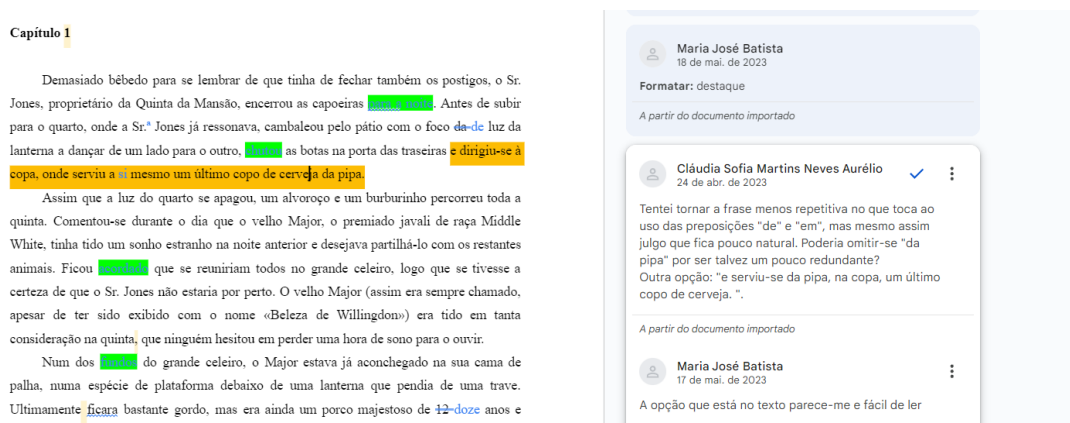


Figura 6 - Excerto do capítulo 1, com indicações da orientadora, no que diz respeito à avaliação da linguagem do texto em português, na revisão monolingue.

, o Sr.
subir
luz da
u-se à

toda a
fiddle
tantes
esse a
nado,
tanta

na de
trave.
mos e

18 de mai. de 2023

Formatar: destaque

A partir do documento importado

Cláudia Sofia Martins Neves Aurélio

24 de abr. de 2023

Tentei tornar a frase menos repetitiva no que toca ao uso das preposições "de" e "em", mas mesmo assim julgo que fica pouco natural. Poderia omitir-se "da pipa" por ser talvez um pouco redundante?
Outra opção: "e serviu-se da pipa, na copa, um último copo de cerveja. ".

A partir do documento importado

Maria José Batista

17 de mai. de 2023

A opção que está no texto parece-me e fácil de ler

Figura 7 - Resposta da orientadora Maria José Batista que avalia a linguagem do texto em português, na revisão monolingue.

A Tabela que se segue (Tabela 1) mostra as diferenças entre a primeira tradução, a revisão bilingue e o texto final (revisão monolingue).

Tabela 1 - Tabela que compara as diferentes fases pelas quais passou o primeiro parágrafo do primeiro capítulo.

Original:	Primeira tradução:	Revisão bilingue:	Revisão monolingue:
-----------	--------------------	-------------------	---------------------

MR. JONES, of the Manor Farm, had locked the hen-houses for the night, but was too drunk to remember to shut the popholes. With the <u>ring of light from his lantern</u> dancing from side to side, he lurched across the yard, <u>kicked off his boots</u> at the back door, drew himself a last glass of beer from the barrel in the scullery, and made his way up to bed, where Mrs. Jones was already snoring.	O Sr. Jones, proprietário da quinta Manor, tinha fechado as capoeiras para a noite, mas estava demasiado bêbedo para se lembrar que tinha de fechar também as portas. Com <u>o anel de luz da lanterna</u> a dançar de um lado para o outro, ele cambaleou pelo campo, <u>atirou as botas</u> para a porta das traseiras, serviu a si mesmo um último copo de cerveja do barril e dirigiu-se à cama, onde a Sra. Jones já ressonava.	Demasiado bêbedo para se lembrar de que tinha de fechar também os postigos, o Sr. Jones, proprietário da Quinta da Mansão, encerrou as capoeiras para a noite. Antes de subir para o quarto, onde a Sr. Jones já ressonava, cambaleou pelo pátio com <u>o foco da luz da lanterna</u> a dançar de <u>um lado para o outro</u> , <u>chutou as botas</u> na porta das traseiras e dirigiu-se à copa, onde serviu a si mesmo um último copo de cerveja da pipa.	Ao cair da noite, o proprietário da Quinta da Mansão estava já tão bêbedo que, ao fechar as capoeiras, se esqueceu dos postigos abertos. Antes de subir para o quarto onde a senhora Jones já ressonava, o senhor Jones cambaleou pelo pátio com <u>o foco de luz da lanterna</u> a dançar aos <u>ziguezagues</u> , <u>desenvencilhou-se das botas</u> na porta das traseiras e passou pela copa onde se serviu com um último copo de cerveja da pipa.
---	--	--	--

Depois de uma análise das traduções de *Animal Farm* que estão disponíveis no mercado português em 2023, verificou-se que todas começam da mesma forma, com

uma estrutura muito próxima à do original. O autor, George Orwell, pretendia que a obra fosse “uma história que pudesse ser facilmente compreendida por quase todos e que pudesse ser traduzida para outras línguas sem dificuldade” (Orwell, 2023, p. 13). Justamente por ter uma linguagem fácil, repleta de frases curtas e pouco complexas é que as traduções anteriores se assemelham umas às outras. Por isso, a editora sugeriu dar um toque de originalidade à tradução, dando especial atenção ao início e para evitar, se possível, essa estrutura. Na Tabela 1 pode observar-se as diferentes fases pelas quais passou o primeiro parágrafo. Na primeira tradução, e à semelhança do resto do texto, a tradução foi feita literalmente, replicando a estrutura gramatical e a sequência da informação do original, como pode verificar-se pela evolução de “atirou as botas” (no original, “kicked off his boots”) para, depois de uma revisão mais atenta e com ajuda da orientadora, passar a “desenvencilhou-se das botas”. O mesmo verificou-se com a tradução de “ring of light” que, ao invés de “anel da lanterna” como foi traduzido pela primeira vez, acabou por ser traduzido para “o foco da lanterna”. Na revisão bilingue, procurou-se assim evitar a literariedade e privilegiar a fluidez da linguagem. A expressão “de um lado para o outro” (no original “from side to side”) foi alterada para “aos ziguezagues” na versão final porque foi considerado que assim transmitia melhor uma imagem de descoordenação e mostrava mais eficazmente o estado de embriaguez da personagem, que será, mais tarde, relevante para a narrativa. Procurar transmitir estas imagens de forma clara e eficaz foi o objetivo da revisão monolingue, uma revisão já desapegada da influência do original. Uma vez que na revisão bilingue se verificara que nada faltava e que estava tudo traduzido corretamente, foi possível analisar o texto na língua de chegada de forma independente.

1.4.4. A revisão “oficial” feita pela editora

Num processo de tradução normal, depois da tradução estar concluída e ser enviada para a editora, é entregue a um revisor ou revisora externos. O texto regressa desta revisão com alterações e comentários para o tradutor aprovar.

A revisão foi enviada, por e-mail, para a estagiária em setembro de 2023, para que pudesse aceitar/recusar as alterações introduzidas. A revisora Ana Cristina Câmara apontou alguns erros, distrações e vírgulas em falta e sugeriu algumas correções para que o texto ficasse em conformidade com o livro de estilo da editora, tal como ilustrado nas Figuras 8 e 9.

»Não vêem, então, que todos os males desta nossa vida derivam da tirania dos seres humanos, camaradas? Basta vermo-nos livres do Homem e o produto do nosso trabalho será nosso. Quase do dia para a noite poderíamos tornar-nos ricos e livres. Como deveremos então proceder? Trabalhar dia e noite, de corpo e alma, para derrubarmos a espécie humana! É esta a mensagem que tenho para vós, camaradas: Rebelião! Eu não sei quando é que essa ~~rebelião~~Rebelião irá chegar, se daqui a uma semana ou uma centena de anos, mas sei que, tão certo como esta palha que vejo debaixo dos pés, justiça será feita mais cedo ou mais tarde. No pouco tempo de vida

Figura 8 - Excerto da obra enviado pela editora para aprovação.

Quando os animais cantaram a canção, foram arrebatados por um entusiasmo indomável. Major ainda não tinha terminado e todos tinham já começado a cantá-la de cor. Os animais mais inteligentes, como os porcos e os cães, decoraram a canção toda em apenas alguns minutos, e até o mais ignorante ~~dentre eles~~animal tinha já apanhado a melodia e algumas palavras. Após algumas tentativas preliminares, toda a quinta cantou «Bestas de Inglaterra» a plenos ~~plumões~~pulmões, num magnífico uníssono. As vacas mugiram-na, os cães ganiram-na, as ovelhas baliram-na, os cavalos relincharam-na, os patos grasnaram-na. Estavam tão deliciados com a canção que a cantaram cinco vezes seguidas, e talvez a tivessem continuado a cantar pela noite fora se não tivessem sido interrompidos.

Figura 9 - Excerto da obra enviado pela editora para aprovação.

1.5. Liberdades criativas e outras decisões

As grandes decisões criativas como o título, o subtítulo e a tradução dos nomes das personagens e dos lugares foram tomadas pela editora, seguindo as suas diretrizes editoriais. Porém, foi possível explorar alguma liberdade criativa ao longo da obra, em circunstâncias específicas, como se exemplifica de seguida com a tradução da canção “Beasts of England”. Será ainda abordada a questão das unidades de medida que, seguindo o livro de estilo da editora, não são adaptadas quando se trata da tradução de clássicos.

1.5.1. A canção “Beasts of England” e o poema “Comrade Napoleon”

Na Tabela 2 é possível comparar a canção “Beasts of England” com a primeira tradução apresentada à editora. A canção é uma paródia da “Internacional”, a música do Partido Comunista da União Soviética. A música é introduzida por Old Major, a personagem que representa Karl Marx, um premiado javali que é descrito como sendo benevolente e sábio. Esta personagem ensina aos animais uma canção que aprendera na infância e cujas palavras “eram cantadas pelos animais do passado” (Orwell, 2023, p. 26), mas que “foram esquecidas durante gerações” (idem). A canção tem uma “melodia inspiradora, uma mistura entre *Clementine* e *La Cucarracha*” (idem) e expressa o desejo por um futuro melhor sem a presença opressora dos seres humanos, sendo essencialmente “a utopian vision of the world after the rebellion, a ‘golden future time’” (Rodden, 1999, p. 43), no qual haverá a tanto ansiada liberdade. A canção tem este nome porque a história desenrola-se na Inglaterra e porque o objetivo do autor foi mostrar que a obra não era apenas uma crítica à União Soviética, mas servia também de aviso para todas as nações. Ainda que a alegoria seja inspirada pelo regime totalitário de Estaline a mensagem de Orwell é que “It can happen here, too” (Rodden, 1999, p. 154).

Tabela 2 - Tabela que compara a primeira tradução do poema “Beasts of England” com o original

Original	Primeira tradução apresentada à editora
Beasts of England, beasts of Ireland, Beasts of every land and clime, Hearken to my joyful tidings Of the golden future time.	Bestas de Inglaterra, Bestas da Irlanda, Bestas de todas as regiões e climas, ouçam com atenção as alegre novas de um vindouro tempo de ouro.
Soon or late the day is coming, Tyrant Man shall be o'erthrown, And the fruitful fields of England Shall be trod by beasts alone.	Mais cedo ou mais tarde o dia chegará, <u>o Homem Tirano será derrotado.</u> <u>E os campos férteis de Inglaterra,</u> <u>só a besta os pisará.</u> OU <u>Mais cedo ou mais tarde, está a chegar o dia</u> <u>da derrota da Tirania de duas pernas.</u> <u>E os campos férteis de Inglaterra,</u> <u>serão pisados por bestas apenas.</u>
Rings shall vanish from our noses, And the harness from our back, Bit and spur shall rust forever, Cruel whips no more shall crack.	Os arganéis desaparecerão dos nossos narizes, <u>a sela das nossas costas.</u> <u>Freio e esporão para sempre enferrujarão,</u> os <u>cruéis chicotes</u> nunca mais se ouvirão.
Riches more than mind can picture, Wheat and barley, oats and hay, Clover, beans, and mangel-wurzels Shall be ours upon that day	Tão ricos que nem conseguimos imaginar trigo e feno, aveia e cevada, trevo, feijões e beterraba. Será tudo nosso no dia da chegada.
Bright will shine the fields of England, Purer shall its waters be, Sweeter yet shall blow its breezes	Brilhantes ficarão os campos de Inglaterra, mais puras as suas águas se tornarão, mais doce do que nunca o vento irá soprar,

On the day that sets us free.	<u>no dia em que livres vamos ficar</u>
For that day we all must labour, Though we die before it break; Cows and horses, geese and turkeys, All must toil for freedom's sake.	Para tal, temos todos de trabalhar, ainda que morramos sem o conseguir. Vaca e Cavalo, Pato e Ave vamos cultivar a liberdade.
Beasts of England, beasts of Ireland, Beasts of every land and clime, Hearken well and spread my tidings Of the golden future time.	Bestas de Inglaterra, Bestas da Irlanda, Bestas de todas as regiões e climas, ouçam com atenção as minhas novas de um vindouro tempo de ouro.

Na segunda estrofe foram apresentadas duas opções de tradução. Foi escolhida a segunda estrofe por se manter fiel à rima do original.

Na Tabela 3 é possível ver as alterações que foram feitas durante a revisão monolíngue da canção, na qual foi possível encontrar rima em estrofes que anteriormente não a tinham. É também apresentada para comparação a revisão feita por Ana Cristina Câmara.

Tabela 3 - Tabela que compara a revisão bilingue com a revisão monolíngue, e as alterações.

Revisão Monolíngue	Revisão de Ana Cristina Câmara
Bestas de Inglaterra, bestas da Irlanda, Bestas de todas as regiões e climas, ouçam com atenção as alegres novas de um vindouro tempo de ouro. Mais cedo ou mais tarde, está a chegar o dia <u>da derrota da Tirania de duas pernas.</u>	Bestas de Inglaterra, bestas da Irlanda, Bestas de todas as regiões e climas, ouçam com atenção as alegres novas de um vindouro tempo de ouro. Mais cedo ou mais tarde, está a chegar o dia da derrota da Tirania de duas pernas.

<u>E os campos férteis de Inglaterra,</u> <u>serão pisados por bestas apenas.</u> Os arganéis desaparecerão dos nossos narizes. <u>Freio e esporão para sempre enferrujarão.</u> <u>A sela sairá das nossas costas e</u> os <u>chicotes cruéis</u> nunca mais se ouvirão. Tão ricos que nem conseguimos imaginar. Trigo e feno, aveia e cevada, trevo, feijões e beterraba. Será tudo nosso no dia da chegada. Brilhantes ficarão os campos de Inglaterra, mais puras as suas águas se tornarão, mais doce do que nunca o vento irá soprar, <u>no dia em que livres as bestas ficarão.</u> . Para tal, temos todos de trabalhar. Vaca e cavalo, <u>pato</u> e ave. Podemos morrer sem o conseguir, mas vamos cultivar a liberdade. Bestas de Inglaterra, bestas da Irlanda, Bestas de todas as regiões e climas, ouçam com atenção as minhas novas de um vindouro tempo de ouro.	E os campos férteis de Inglaterra, serão pisados por bestas apenas. Os arganéis desaparecerão dos nossos narizes. Freio e esporão para sempre enferrujarão. A sela sairá das nossas costas e os chicotes cruéis nunca mais se ouvirão. Tão ricos que nem conseguimos imaginar. Trigo e feno, aveia e cevada, trevo, feijões e beterraba. Será tudo nosso no dia da chegada. Brilhantes ficarão os campos de Inglaterra, mais puras as suas águas se tornarão, mais doce do que nunca o vento irá soprar, no dia em que livres as bestas ficarão . Para tal, temos todos de trabalhar. Vaca e cavalo, <u>ganso</u> e ave. Podemos morrer sem o conseguir, mas vamos cultivar a liberdade. Bestas de Inglaterra, bestas da Irlanda, Bestas de todas as regiões e climas, ouçam com atenção as minhas novas de um vindouro tempo de ouro.
--	--

As soluções que conseguissem manter alguma rima foram privilegiadas. No original, a rima tem sempre uma estrutura abcb, o que foi possível manter em todas as estrofes, exceto no refrão, pois isso requereria um maior afastamento do texto original. Ainda assim, foi conseguida uma rima interna com o verso “de um vindouro tempo de ouro”. Nas restantes estrofes foram encontradas soluções nas quais foi possível substituir um equivalente por outro e conseguir uma rima. No original, o verso “Shall be ours upon that day” foi traduzido para “Será tudo nosso no dia da chegada”, ao invés de “Será tudo nosso nesse dia”, e, no verso “Cruel whips no more shall crack”, traduzido para “os chicotes cruéis nunca mais se ouvirão.”, foi necessário encontrar uma solução que resultasse e rimasse, remetendo assim para o som do chicote.

Fui alertada pela orientadora Maria José Batista acerca das duas opções (Bestas ou Bichos) para a tradução de “Beasts of England”. Optei pela solução “Bestas” porque a palavra remete para os animais que realizam trabalhos duros nos campos, como as vacas e os cavalos. A palavra “besta” designa ainda um “quadrúpede; cavalgada” (Infopédia, 2024) o que vai ao encontro da máxima “Quatro pernas bom, duas pernas mau”. São animais de carga e, simbolizando eles o proletariado, pareceu-me uma opção que pode ter uma conotação de união. A palavra “bichos” não tem esta conotação de trabalho árduo e desumano e pode incluir outros animais, não só aqueles que trabalham nas quintas.

Na obra, a canção “Beasts of England” é, tal como o hino da União Soviética que a canção representa, “replaced with a more patriotic song” (Rodden, 1999, p. 68), neste caso um poema escrito pela personagem do poeta Minimus, que corresponde ao escritor bolshevik Mayakovsky.

Na Tabela 4 constam o poema e a primeira tradução que foi feita. Com receio de que, ao tentar encontrar soluções que conseguissem rimar, tal como acontece em alguns versos do poema, houvesse um afastamento demasiado grande do conteúdo original, o poema foi traduzido sem grande intervenção criativa. Julgou-se que a rima não era tão importante como na canção anterior. Foram utilizadas expressões como “sois vós”

e “velais vós” para mostrar a deferência excessiva que é dada ao líder e para acentuar o caráter satírico que o poema tem, tornando-o assim também ridículo.

Tabela 4 - Tabela que compara a primeira tradução do poema “Comrade Napoleon” com o original

Original
Friend of fatherless! Fountain of happiness! Lord of the swill-bucket! Oh, how my soul is on Fire when I gaze at thy Calm and commanding eye, Like the sun in the sky, Comrade Napoleon! Thou are the giver of All that thy creatures love, Full belly twice a day, clean straw to roll upon; Every beast great or small Sleeps at peace in his stall, Thou watchest over all, Comrade Napoleon! Had I a sucking-pig, Ere he had grown as big

Even as a pint bottle or as a rolling-pin,

He should have learned to be

Faithful and true to thee,

Yes, his first squeak should be

“Comrade Napoleon!”

Tradução

Amigo dos órfãos!

Fonte de felicidade!

Lorde do balde do refugo! Oh, como a minha alma arde

quando vislumbro o vosso

calmo e imponente Olho,

como o sol no céu,

Camarada Napoleão!

Sois vós o doador de

tudo quanto as tuas criaturas amam.

Barriguinha cheia duas vezes por dia, palha limpa para rebolar.

Toda a Besta, pequena ou grande,

dorme em paz no curral.

Velais vós por todos,

Camarada Napoleão!

Tivesse eu um porquito,
antes que ele crescesse.

Mesmo como garrafa de meio litro ou como o rolo da massa,
ele deveria aprender a ser
fiel e verdadeiro a vós.

Sim, o seu primeiro guincho deveria ser:

Camarada Napoleão!

Na Tabela 5 estão sublinhadas as alterações entre a revisão bilingue e monolingue e a revisão feita por Ana Cristina Câmara. A revisora alterou “balde do refugo” para “balde de lavagem”. É possível que a primeira expressão seja menos conhecida e, por isso, poderá tê-la substituído por um equivalente mais fácil de perceber.

Tabela 5 - Tabela que compara a revisão bilingue com a revisão monolingue, com as alterações.

Revisão monolingue/bilingue
<i>Amigo dos órfãos!</i> <i>Fonte de felicidade!</i> <i>Lorde do balde do <u>refugo</u>! Oh, como a minha alma arde</i> <i>quando vislumbro o vosso</i> <i>calmo e imponente <u>Olho</u>,</i> <i>como o sol no céu,</i> <i>Camarada Napoleão!</i> <i>Sois vós o doador de</i>

tudo quanto as tuas criaturas amam.

Barriguinha cheia duas vezes por dia, palha limpa para rebolar.

*Toda a Besta, pequena ou grande,
dorme em paz no curral.*

*Velais vós por todos,
Camarada Napoleão!*

*Tivesse eu um porquito,
antes que ele crescesse.*

*Mesmo como garrafa de meio litro ou como rolo da massa,
ele deveria aprender a ser
fiel e verdadeiro a vós.*

Sim, o seu primeiro guincho deveria ser:

«Camarada Napoleão!»

Revisão de Ana Cristina Câmara

Amigo dos órfãos!

Fonte de felicidade!

*Lorde do balde de lavagem! Oh, como a minha alma arde
quando vislumbro o vosso
calmo e imponente olho,
como o sol no céu,*

Camarada Napoleão!

*Sois vós o doador de
tudo quanto as vossas criaturas amam.*

*Barriguinha cheia duas vezes por dia, palha limpa para
rebolar.*

*Toda a Besta, pequena ou grande,
dorme em paz no curral.*

Velais vós por todos,

Camarada Napoleão!

*Tivesse eu um porquito,
antes que ele crescesse.*

*Mesmo como garrafa de meio litro ou como rolo da massa,
ele deveria aprender a ser
fiel e verdadeiro a vós.*

Sim, o seu primeiro guincho deveria ser:

«Camarada Napoleão!»

1.5.2. O bon mot do Mr. Pilkington

Este *pun* é proferido durante o discurso da personagem Mr. Pilkington, no qual ele congratula Napoleão pela disciplina com que gere a Quinta dos Animais. A personagem brinca ao comparar as “lower classes” aos “lower animals” da quinta dirigida por Napoleão, transmitindo assim a mensagem de que, na realidade, não existe diferença. Optou-se por escolher a solução apresentada na Tabela 6, usando o adjetivo “baixo” para designar tanto a categoria destes animais como as “classes baixas”. Foram ponderadas outras opções com o adjetivo “inferior”, que foi descartado porque tornava a frase pouco fluida e pareceu que “classes inferiores” não seria o mais adequado.

Tabela 6 - Comparação do *pun* com a primeira tradução e as revisões monolíngue e bilingue

Original	Tradução
“If you have your lower animals to contend with,” he said, “we have our lower classes!”	«Se vocês têm animais de categoria baixa para enfrentar» disse ele «Nós temos classes baixas!».

1.5.3. Unidades de medida

A editora indica, no seu livro de estilo, que uma conversão das unidades de medida não deve ser feita. Desta forma, as unidades de medida devem ser traduzidas para as medidas correspondentes em português (caso existam) o que, em alguns casos, se pode tornar um problema. Na Tabela 7 é possível verificar que a expressão “levantar as paredes outro pé” parecia desadequada, pelo que foi necessário encontrar outra que transmitisse a mesma ideia e parecesse mais clara.

Tabela 7 - Comparação da tradução e adaptação do uso de unidades de medida em inglês

Original	Primeira tradução	Revisão bilingue/monolíngue

After the harvest there was a stretch of clear dry weather, and the animals toiled harder than ever, thinking it well worth while to plod to and fro all day with blocks of stone if by doing so they could raise the walls <u>another foot</u> .	Depois da colheita, o clima ficou claro e seco durante algum tempo e os animais trabalharam mais do que nunca. Eles acharam que valia bem a pena passar o dia todo a arrastar blocos de pedra, para lá e para cá, se, desta forma, eles conseguissem <u>levantar as paredes outro pé</u> .	Depois da colheita, os dias ficaram claros e secos durante algum tempo e os animais trabalharam mais do que nunca. Eles acharam que valia a pena passar o dia todo a arrastar blocos de pedra, para lá e para cá, se, desta forma, conseguissem levantar as <u>paredes mais um bocado</u> .
---	--	---

Na Tabela que se segue, é possível observar uma unidade de medida que foi necessário manter em inglês, uma vez que não existe um equivalente em português. Foi colocada uma nota de rodapé para explicar esta unidade pouco conhecida e informar o leitor da sua definição, dando ainda um equivalente numa medida que este conheça, ou seja, o quilograma.

Tabela 8 - Comparação da tradução e adaptação do uso da unidade de medida *stone*

Original	Tradução
Napoleon was now a mature boar of twenty-four <u>stone</u> .	Napoleão era um javali maduro de vinte e quatro <i>stone</i> . <i>stone</i> : medida de massa usada no sistema imperial inglês correspondente a, aproximadamente, 6,35 kg.

1.5.4. Outras ocorrências criativas

Nas Tabelas 9 e 10 são apresentados dois exemplos de tradução que envolveram algum uso de criatividade.

Tabela 9 - Apresentação de uma solução criativa, em comparação com o original

Original	Tradução
It was very neatly written, and except that “friend” was written “freind” and one of the “S’s” was the wrong way round, the spelling was correct all the way through. Snowball read it aloud for the benefit of the others. All the animals nodded in complete agreement, and the cleverer ones at once began to learn the Commandments by heart.	Os Mandamentos foram escritos com muito cuidado e, <u>exceptuando a palavra «álcool»</u> , que tinha só um «o» e uma das palavras ter um «s» virado ao contrário, estava tudo escrito de forma correcta. Snowball leu em voz alta para os outros animais que não conseguiam ler. Todos anuíram em perfeito acordo e os mais inteligentes começaram a aprender os mandamentos de cor.

A intenção da solução de tradução exposta acima é transmitir que os porcos, neste caso, Snowball, ainda não sabiam escrever completamente bem. Por isso, a alteração na ordem de palavras no inglês de "friend" para "freind" tem todo o sentido por se tratar de uma questão de fonética. As vogais encontram-se juntas e podem ser facilmente confundidas. Em português, não existem, na palavra "amigo", duas vogais juntas que possam ser facilmente confundidas. Por isso, optei por escolher outra palavra que transmitisse a mesma ideia. Foi escolhida a palavra "álcool", escrita com apenas um “o”.

Na Tabela 10 é apresentada outra ocorrência que requereu alguma criatividade.

Tabela 10 - Apresentação de uma solução criativa, em comparação com o original

Original	Tradução
The others said of Squealer that he could <u>turn black into white.</u>	De tal forma que os outros costumavam dizer que Squealer conseguia fazer qualquer um <u>acreditar que o céu era vermelho.</u>

Aqui a tradução para “tornar preto em branco” ou “fazer qualquer um acreditar que preto era, na realidade, branco” pareceu muito literal e talvez não transmitisse a ideia do quão eficaz a manipulação da personagem de Squealer verdadeiramente é, tão eficaz ao ponto de ser completamente ridículo que os animais acreditassem nele. Desta forma, tomei alguma liberdade e optei pela tradução indicada acima.

2. O autor e a obra

Eric Blair, conhecido pelo grande público como George Orwell, nasceu em 1903 em Motihari, na Índia. No prefácio que escreveu 1947 para a edição ucraniana de *Animal Farm*, Orwell explora o seu percurso de vida e os acontecimentos políticos que testemunhou e que lhe permitiram ter a visão que adotou para escrever a obra *Animal Farm*, acontecimentos esses que o conduziram à sua atual postura política (Orwell, 2023, p. 7). Vindo de uma família de classe média inglesa, Orwell realizou os seus estudos no colégio privado de renome, Eton, graças a uma bolsa e, depois, alistou-se na Polícia Imperial Indiana. Tratava-se de um trabalho do qual não gostava e que o fez “odiar o imperialismo” (Orwell, 2023, p. 8).

Em 1927, aposentou-se da polícia e, em outubro do mesmo ano, vagueou pelas ruas de Londres até 1928, ano em que começou a escrever os rascunhos de *Down and Out in Paris and London* e *Burmese Days*. Neste prefácio, Orwell explica em mais detalhe a vida que levou entre delinquentes e sem-abrigo, onde pôde acompanhar de perto a vida de indivíduos pobres, cujas vidas serviram-lhe mais tarde como objeto de estudo. O autor afirma que, até 1930, não se considerava propriamente socialista e que não tinha ideias políticas bem definidas.

Em 1933, publica a sua primeira obra *Down and Out in Paris and London*, sob o pseudônimo de George Orwell. Em 1934, a editora Harper & Brothers publica *Burmese Days*, em 1935, *A Clergyman's daughter* e, em 1936, *Keep the Aspidistra Flying*. No mesmo ano, Orwell publica os ensaios *Shooting na Elephant* e *Bookshop Memories*, para o *New Writing* e o *Fortnightly*, respetivamente. Em 1937, publica *The Road to Wigan Pier*.

Com o despoitar da Guerra Civil Espanhola, Orwell parte para Espanha em 1936 para lutar nas trincheiras republicanas, onde serve a organização POUM (Partido Operário de Unificação Marxista). Durante a sua estadia em Espanha foi alvo de perseguições por parte da União Soviética, que tentava suprimir a milícia assim como outras organizações revolucionárias. Além de inspirar a obra que publicou em 1938, *Homenagem à Catalunha*, a sua participação na Guerra Civil Espanhola fê-lo perceber “a influência negativa que o mito soviético tinha sobre o movimento socialista ocidental” (Orwell, 2023, p. 10) e que, mais tarde, viria a inspirar uma das suas obras mais conhecidas, *Animal Farm*.

Em 1938, juntou-se ao Partido Trabalhista Independente do Reino Unido, abandonando-o mais tarde em 1939, ano em que publica a obra *Coming Up for Air*. Trabalhou até 1943 para a BBC, primeiro como assistente e mais tarde como produtor, passando depois a trabalhar, de 1943 a 45, como editor literário, ano em que é correspondente de guerra para o “The Observer” e para o “The Manchester Evening News”.

Depois de o manuscrito de *Animal Farm* ter sido rejeitado por quase todas editoras, Orwell consegue que a obra seja publicada pela Secker & Warburg, em 1945. É com esta obra que consegue alcançar reconhecimento a nível mundial, sendo *Animal Farm* e *1984* as suas duas obras mais conhecidas. Morreu em 1950, na cidade de Londres, com apenas 46 anos.

2.1. Orwell e a Política

Orwell foi, acima de tudo, um escritor político, pois o que o interessava verdadeiramente eram questões de natureza política (Rodden, 2007:1). Não é, por isso, possível analisar a obra de Orwell sem antes considerar as suas posições, que evoluíram ao longo dos anos, evolução que pode ser descrita como “idiosyncratic journey from English radical to his unique, eccentric form of socialism” (Rodden 2007, p. 1).

Em 1946, no seu ensaio “Why I Write”, Orwell explica os motivos que levam os escritores a escrever prosa (Orwell, 1946b). Nos quatro motivos por ele enumerados, “Sheer egoism”, “Aesthetic enthusiasm”, “Historical impulse” e “Political purpose”, estes dois últimos ganham maior relevância na análise da obra que escreveu em 1945. *Animal Farm* é uma sátira política que pretende trazer atenção para as atrocidades cometidas pelo regime soviético durante a Segunda Guerra Mundial. Frustrado com a indiferença demonstrada pelos países ocidentais face ao regime de Estaline, Orwell escreveu uma fábula que “pudesse ser facilmente compreendida por quase todos e que pudesse ser traduzida para outras línguas sem dificuldade” (Orwell, 2023, p. 13). Neste ensaio, Orwell afirma que todo o seu trabalho literário a partir de 1936 é “directly or indirectly, *against* totalitarianism and *for* democratic socialism, as I understand it.” (Orwell, 1946b) e diz-nos que o que mais tem procurado ao longo dos últimos dez anos foi transformar a escrita política numa arte (idem). Foi precisamente com *Animal Farm* que o autor tentou “with full consciousness of what I was doing, to fuse political purpose and artistic purpose into one whole” (idem). Com o propósito

político em mente, a obra acompanha de perto a evolução do regime soviético, desde a revolução de 1917 até à Conferência de Teerão e analisa a “teoria de Marx do ponto de vista dos animais” (Orwell, 2023, p. 13). No entanto, no prefácio que escreveu à edição ucraniana de 1947, Orwell esclarece que “apesar de os vários episódios serem extraídos da história real da revolução russa, estes são tratados esquematicamente e a sua ordem cronológica é alterada” (Orwell, 2023, p. 14) e informa que, tanto as personagens, como os locais e os acontecimentos têm representações reais da história da União Soviética.

A narrativa começa por mostrar o profundo descontentamento dos animais da quinta Manor (o proletariado russo) para com o seu dono, o bêbedo e incompetente Mr. Jones (o czar). Ciente de que irá morrer em breve, Old Major (Karl Marx), por quem os animais nutrem admiração, reúne todos os animais da quinta no celeiro e dá um discurso que os incentiva à revolta contra o domínio do seu opressor. Esta personagem reflete ainda sobre o facto de as vidas dos animais serem duras, curtas e infelizes e que Jones é o único que trabalha sem produzir.

Old Major apresenta apenas uma solução: uma rebelião. Esta personagem entoia “Beasts Of England” (uma paródia à “Internacional”), que aprendera em pequeno e ensina-a aos restantes animais. Depois da morte desta personagem, que é descrita como sendo um “premiado javali de raça Middle White” (Orwell, 2023 p. 17), os animais conseguem expulsar Mr. Jones. Os porcos, por serem os animais mais inteligentes da quinta, criam um sistema de pensamento que apelidam de “Animalism” e os animais mudam imediatamente o nome da quinta de “Manor Farm” para “Animal Farm”. Assumindo assim a liderança, os porcos, depois de se terem ensinado a si mesmos a escrever (mais uma prova da sua inteligência), reduzem os princípios do Animalismo a sete mandamentos e, quando percebem que quase todos os outros animais são incapazes de aprender a escrever e a ler, reduzem estes princípios a uma única máxima “Four Legs Good, Two Legs Bad”. As duas quintas vizinhas, a quinta Pinchfield (que representa a Alemanha nazi) e a quinta Foxwood (representando as Forças Aliadas) odeiam-se mutuamente e tentam impedir que esta forma de pensamento chegue às suas quintas. Os seus donos, Mr. Frederick e Mr. Pilkington,

representam as forças externas que tentaram derrotar os bolcheviques, os revolucionários liderados por Lenin, e, tal como na história da revolução russa, estas personagens auxiliam Jones (o czar) numa tentativa de recuperar a quinta (a União Soviética), mas acabam por perder a batalha. De entre o grupo de animais mais espertos, existem dois porcos que se destacam: Snowball (Trotzky) e Napoleão (que representa o ditador totalitário, Joseph Stalin). Estes porcos discordam em quase tudo no que diz respeito ao funcionamento da quinta, exceto naquilo que Orwell considerou como um ponto de viragem na história – quando os porcos decidem ficar com umas maçãs maduras para si. Um dos momentos fundamentais da discórdia entre estas duas personagens é a construção do moinho de vento, ao qual, inicialmente, Napoleão se opõe, argumentando que o que os animais devem fazer é concentrar as suas energias para impedirem que Jones reconquiste a quinta. Quando Snowball consegue convencer os animais de que o moinho seria uma forma de melhorar as suas condições de vida, Napoleão lança os seus cães (Checa, MVD, NKVD, KGB) que criara em segredo para formar as suas formas armadas. Napoleão consegue, assim, expulsar Snowball da quinta. Este acontecimento corresponde, num contexto histórico, ao exílio de Trozky, que foi, mais tarde, assassinado pelo líder soviético no México. Perante esta expulsão, os animais ficam em choque e confusos, mas Squealer, a personagem que representa a propaganda do partido comunista Tass e o jornal *Pravda*, consegue convencê-los de que Snowball não era um herói, mas sim um aliado de Jones. A construção do moinho de vento só é conseguida graças a um esforço enorme por parte dos animais e, em especial, ao cavalo Boxer que representa, simultaneamente, o modelo soviético do trabalhador ideal e a classe trabalhadora. Com os seus dois lemas “I will work harder” e “Napoleon is always right”, este acaba por trabalhar demasiado e sucumbir à exaustão. Quando esta personagem já não consegue trabalhar, é levada para o matadouro e os porcos usam o dinheiro que conseguem fazer deste negócio para se embebadarem.

Depois da expulsão de Snowball, Napoleão decide negociar com as quintas vizinhas, mas estas negociações, marcadas pela desconfiança, acabam com a quinta dos animais a ser invadida por Frederick. Este acontecimento representa o Pacto de Não Agressão,

realizado em 1939, e a subsequente invasão da Alemanha nazi. Graças a este ataque, o moinho de vento dos animais é destruído. Mais uma vez, os porcos, graças a Squealer, conseguem convencer os outros animais de que a invasão fora culpa de Snowball.

O último capítulo mostra a quinta passados alguns anos, onde os ideais da Rebelião foram esquecidos e os mandamentos ficaram reduzidos a uma única máxima “Some animals are more equal than others” e a frase “Four Legs Good, Two Legs Bad” é alterada e substituída por “Four Legs Good, Two Legs Better”, quando Napoleão é visto pelos animais a andar em duas patas. A obra termina com uma reunião das quintas vizinhas, Pinchfield e Foxwood, onde a personagem de Pilkington felicita Napoleão pela disciplina com que este gera a quinta e a forma como os animais nela se comportam. Pilkington afirma, durante o seu discurso, que ficou inspirado e pretende implementar também na sua quinta algumas regras pelas quais a quinta dos animais é gerida. Durante o jantar é ainda anunciado por Napoleão que a quinta irá voltar a ter o seu nome original, “Manor Farm”. Esta reunião final representa a Conferência de Teerão, na qual Estaline, Roosevelt e Churchill participaram em novembro de 1943. Na obra, esta reunião termina em discórdia, enquanto os animais observam estupefactos do exterior que os porcos e os humanos se tornaram indistinguíveis.

A narrativa da obra, que segue de perto os acontecimentos históricos mais marcantes da União Soviética, serve como um alerta para a ditadura de Estaline e a forma como revoluções que começam com as melhores intenções se podem tornar, caso os seus líderes não sejam contestados, em regimes totalitários opressivos.

Após esta breve panorâmica sobre o autor e contexto histórico da obra, o próximo capítulo debruçar-se-á sobre a tradução do título *Animal Farm* e sobre a questão da (in)traduzibilidade dos nomes próprios nas edições portuguesas da obra.

3. A tradução literária

Antes de falar sobre a questão do título e a intraduzibilidade dos nomes das personagens vai ser feita uma breve caracterização do texto literário e questionar a

influência que o tradutor pode ter na descodificação do mesmo, eliminando assim ambiguidades que lhe são necessárias.

A diferença entre um texto literário e um texto não literário está na distinção entre “texto fechado” e “texto aberto”. Um “texto aberto” é um texto literário porque apresenta a possibilidade de diferentes interpretações, o que não acontece com um “texto fechado” (De Cusatis, 2009, p. 10). Ainda que tradução total não exista, diferentes versões são igualmente válidas de forma a evitar que um texto se torne intraduzível (De Cusatis, 2009, p. 12). A tradução literária acarreta diferentes riscos. A falta de competência linguística e cultural do tradutor pode levar a erros e uma intervenção ideológica que pretenda privilegiar uma determinada versão do texto são alguns exemplos (idem). Uma tradução literária é válida quando está isenta destes riscos. Nas diferentes versões de uma tradução para uma mesma língua a diferença encontra-se no conteúdo tanto conotativo como estilístico que foi sacrificado em prol da comunicabilidade, mas esta intervenção por parte do tradutor é inevitável, já que não lhe é possível ser apenas um mediador (idem). O grau de intervenção pode assumir várias formas, podendo ser de natureza histórica, geográfica ou cultural.

Deste modo, a tradução literária é um processo criativo mutável no tempo e não apenas a reprodução de um texto (Buffoni, 2005, p. 10, citado por De Cusatis, 2009, p. 13). O papel do tradutor é de natureza dupla: recetor e emissor, ou seja, leitor e autor, respetivamente, e assume um papel de leitor particular com uma missão ética devendo, para isso, possuir requisitos próprios: ter um entendimento profundo da cultura e história do país de chegada e dominar a língua de partida de forma a conseguir recorrer a artifícios estilísticos e retóricos, possuindo ainda uma competência ativa na língua de chegada (De Cusatis, 2009, p. 13).

No subcapítulo seguinte serão analisadas as diferentes traduções do título e a omissão do subtítulo na obra *Animal Farm*. No que toca ao texto literário, conseguirá este resistir a todas as interpretações que possam ser da influência do tradutor, tendo em conta que a eficácia interpretativa e a sensibilidade estética são de extrema importância no que diz respeito à tradução literária (Hüsgen, 2011)? A “ambiguidade específica” (idem) do texto literário distingue-o de outros tipos de texto e a intuição é,

neste caso, um interveniente decisivo, assim como a emoção na procura de soluções de problemas pode ser um constituinte necessário à tradução (idem). O desejo pela clareza de um texto pode eliminar muitas ambiguidades que são próprias e intencionais do texto literário original, e tornar o texto de partida mais acessível que o texto de chegada (idem). A questão do título e da tradução ou não tradução dos nomes das personagens poderá facilitar o trabalho ao leitor no que toca à descodificação do texto literário ou irá antes dificultar a interpretação que o autor pretendeu transmitir? Os próximos subcapítulos tentam dar resposta a esta questão.

3.1. A questão do título: *A Quinta dos Animais* ou *O Triunfo dos Porcos* ? - análise dos títulos da obra *Animal Farm* em Portugal

Desde a primeira tradução portuguesa, em 1946, com o título *O Porco Triunfante*, que *Animal Farm* apresenta pouca consistência no que toca à tradução do título. Na Tabela 11 foram reunidas todas as traduções publicadas em Portugal e é possível verificar alguma disparidade no que toca às escolhas feitas pelos diferentes tradutores e editoras. Tendo em conta que o título não apresenta, à partida, qualquer dificuldade, uma vez que *Animal Farm* poderia ser facilmente traduzido para *Quinta dos Animais*, esta falta de uniformidade na tradução torna relevante a análise destas escolhas.

Tabela 11 - Recolha dos diferentes títulos da obra *Animal Farm* em Portugal desde a sua primeira publicação em Portugal até 2023.

Editora	Título	Ano	Tradutor(a)
Livraria popular de Francisco Franco	O Porco Triunfante	1946	Almirante Alberto Aprá
Perspetivas e Realidades		1976	Maria Antunes

		1976	
		1980	
Europa-América		1990	Madalena Esteves
		1996	
		2001	
		2005	
		2012	
Círculo de Leitores		1981	Maria Antunes
Dom Quixote	O Triunfo dos Porcos	2021	Francisco J. Gonçalves.
		2021	
		2021	
		2021	
		2022	
		2022	
Cultura		2021	Pedro Rodrigues
Bertrand		2021	Maria Antunes
Livros do Corvo		2021	Luís Filipe Silva
Antígona	A Quinta dos Animais	2008	Paulo Faria
		2013	
Cardume		2017	
Livros do Brasil		2021	Adriana Velda
Penguin Clássicos		2021	Guilherme Pires
Cavalo de Ferro		2021	Rita Carvalho e Guerra

		2021	
		2022	
Relógio de Água		2021	Carlos César Vasconcelos
Antígona	A Quinta dos Animais: Uma História de Encantar	2020	Paulo Faria
Relógio d'água	Rebelião na quinta: uma fábula	2021	José Miguel Silva
Guerra&Paz	A Quinta dos Animais: O triunfo dos Porcos	2023	Cláudia Aurélio

São 16 as traduções publicadas em Portugal e 32 as edições que constam até junho de 2023. É de apontar a quantidade significativa de traduções e reedições feitas em 2021 pelas diferentes editoras. De acordo com a Convenção de Berna para a Proteção das Obras Literárias e Artísticas, passados 70 anos da morte do autor, as obras entram em domínio público e podem ser traduzidas, adaptadas e distribuídas sem ser necessário adquirir direitos de autor. Orwell entrou em domínio público precisamente em 2021 o que justifica este aumento.

A obra foi publicada pela primeira vez em Portugal em 1946, apenas um ano depois da sua publicação em Inglaterra, com a tradução de Almirante Alberto Aprá, que deu a *Animal Farm* o título de *O Porco Triunfante*. Contudo, a obra ficou na memória do público português como *O Triunfo dos Porcos* e, desde 1976 até hoje, é este o título mais popular de entre as traduções da obra em Portugal, apesar de *A Quinta dos Animais* ter ganhado popularidade em anos mais recentes. *O Triunfo dos Porcos* foi publicado pela editora “Perspetivas e Realidades”, com a tradução de Maria Antunes.

A tradução *Rebelião na Quinta*, com o subtítulo “uma fábula”, traduzido por José Miguel Silva e publicado em 2021 destaca-se por fugir aos dois títulos que prevalecem em Portugal de *O Triunfo dos Porcos* ou *A Quinta dos Animais*. Em 2008, com tradução de Paulo Faria, a obra é traduzida pela primeira vez com o título *A Quinta dos Animais* que é, a partir desta data, adotado por mais tradutores. Em 2020, Faria acrescenta o subtítulo de Orwell, *A Fairy Story*, que traduz para “Uma História de Encantar”, ao contrário de todas as outras edições portuguesas, que o eliminaram, com exceção da editora “Relógio d’água” que o acrescentou ao título e o traduziu para *Uma Fábula*.

A editora Guerra & Paz optou por traduzir *Animal Farm* como *A Quinta dos Animais*, e substituir *A Fairy Story* pelo subtítulo *O Triunfo dos Porcos*. O título segue uma tradução literal do original, mas tem como subtítulo *O Triunfo dos Porcos* para ir ao encontro da memória do leitor português, sendo que este foi o título que ganhou popularidade e é aquele que mais se associa à obra, sendo por isso, no entender da editora, já inseparável. Assim, optou por mantê-lo como subtítulo, de forma a tornar a obra mais facilmente reconhecível pelo público. Todas as edições até à data, com exceção da primeira publicada em 1946, seguem este título, ao passo que *A Quinta dos Animais* surge apenas em 2008. É precisamente esta tradição de 30 anos que a editora pretende manter, levando o público português a associar o título à obra de Orwell, para que este tenha facilidade em identificá-la e perceber que *A Quinta dos Animais* é apenas a tradução literal do título original. A editora reforça ainda que o livro não é um livro infantil e que a tradução mais literal (i.e., Uma história de encantar) poderia levar o leitor a seguir essa interpretação, uma interpretação reforçada pelo facto de se tratar de uma fábula. A opção de *O Triunfo dos Porcos* é apelativa, poderá seduzir os leitores pela sua estranheza e assim já será mais difícil associar a obra a um público infantil. Porém, esta opção leva a um pequeno *spoiler*, uma vez que o leitor, após ter começado a ler a obra, descobrirá rapidamente que os porcos irão triunfar. Na obra publicada pela primeira vez em 1976, nem a tradutora, nem a editora esclarece a escolha deste título, mas dificilmente se consegue dissociá-lo do seu antecessor *O Porco Triunfante*. Em 1946, o porco sugerido pelo título refere-se a Estaline, levando o leitor a fazer uma associação direta entre a obra e o clima político que se vivia na

Europa após a Segunda Guerra Mundial. A tradutora Maria Antunes alterou ligeiramente o título, colocando-o no plural. Através de uma análise a ambas as traduções, é também possível verificar não só que nenhum dos tradutores introduz qualquer nota que explique as suas escolhas como, com a exceção da correção de algumas incongruência e erros cometidos pelo tradutor Almirante Aprá, a tradutora mantém-se bastante fiel a esta tradução de 1946.

Em 2008, a editora “Antígona” lança o título “A Quinta dos Animais”, com tradução de Paulo Faria, reeditando a obra em 2013 e, mais recentemente, em 2020. No seu website, a editora esclarece que “continua a renegar o título panfletário *O Triunfo dos Porcos*, honrando o desejo de Orwell de contar, a crianças e adultos, «uma história de encantar»” (Antígona, s.d.). Numa “Nota acerca do texto”, a editora indica que pretende manter-se fiel ao subtítulo de Orwell e informa os leitores que *Animal Farm* foi traduzida para mais de 70 idiomas e, de todas as traduções feitas em vida do autor com exceção de telúgo, todas as traduções suprimiram esse subtítulo, ou traduziram-no para “uma sátira”, “uma sátira contemporânea” ou como uma aventura ou fábula (Orwell, 2020, p. 22).

Na edição de 2020, Faria explica, numa nota do tradutor, a razão pela qual optou por traduzir o título e todos os nomes próprios da obra. Apesar de ser pelo título *O Triunfo dos Porcos* que muitos leitores conhecem a obra de Orwell, o que incentivou várias editoras a manter esta opção aos longo dos anos, o tradutor considera que este título “traí por completo o espírito original da obra” (Orwell, 2020, p. 28), afirmando que Orwell pretendeu desde sempre que *Animal Farm* se alinhasse com a “tradição das fábulas, dos contos infantis” (idem) e que o seu objetivo foi usar os mecanismos e convenções próprios das histórias de encantar para transmitir uma mensagem política (idem). O tradutor usa como exemplo os títulos das fábulas de La Fontaine, que ele considera serem “sóbrios, descritivos e desprovidos de juízos de valor” (idem). Faria acrescenta ainda que o título *O Triunfo dos Porcos* não só “contraria o espírito e as ideias do próprio Orwell” (Orwell, 2020, p. 29) como também vai ao encontro de uma falácia que, no entender do tradutor, pode sugerir a possibilidade de que uma revolução nunca beneficiaria ou ajudaria os mais oprimidos levando-os a que

“baixassem os braços” (idem). Faria considera o título sarcástico e panfletário, quando, no seu entender, a obra de Orwell é “contida, magoada e sublime” (Orwell, 2020, p. 28). Assim, e num esforço que o tradutor afirma ter ficado “baldado” (Orwell, 2020: 27), uma vez que recebeu “várias cartas iradas de leitores, escandalizados com a minha ousadia” (idem), Faria pretendeu restituir a *Animal Farm* a estrutura de uma fábula e, para isso, manteve o subtítulo e traduziu de forma literal o título na edição de 2020, assim como optou por traduzir e adaptar os nomes próprios das personagens da obra.

Tendo em conta que estas opções causaram alguma polémica em 2008, deixando vários leitores insatisfeitos, contactei por email o tradutor Paulo Faria para abordar mais a fundo os motivos que estiveram por detrás destas escolhas. Quando questionado acerca da sua opção para o título, Faria respondeu que “O Triunfo dos Porcos é um título que não faz sentido a dois níveis” (comunicação pessoal, 23 de agosto de 2023). Para o primeiro nível, o tradutor argumenta que Orwell tornou claro, na sua correspondência, que quis escrever uma história “na linha dos contos de fadas, das histórias de encantar” (comunicação pessoal, 23 de agosto de 2023). Faria cita a carta que Orwell enviou, a 19 de março de 1944, a Leonard Moore (agente literário de Orwell a partir de 1932), na qual escreveu que a obra era “uma espécie de conto de fadas, uma fábula, na verdade, com conotações políticas” (tradução de Paulo Faria) e explica que, “sob a capa de um livro infantil, Orwell quis escrever uma acusação muito séria contra a revolução soviética e o modo como esta foi conduzida”, reiterando que a obra “joga com as convenções das histórias para crianças, das fábulas (do ‘tempo em que os animais falavam’)” (comunicação pessoal, 23 de agosto de 2023).

Faria relembra que um dos livros preferidos de Orwell na infância era *The Tale of Pigling Bland*, de Beatrix Potter, “em que surgem porcos vestidos de gente” (comunicação pessoal, 23 de agosto de 2023) e, por isso, deve ter inspirado *Animal Farm*. Tendo em conta o género da fábula, Faria considera que o título só pode ser *A Quinta dos Animais* já que:

uma das convenções das fábulas é precisamente o facto de os títulos serem meramente descritivos, sem nenhuma conotação moralizante. Consultem-se

os títulos das fábulas de La Fontaine: «A raposa e a cegonha», «O lobo e o cordeiro», «O leão vencido pelo homem», «O conselho dos ratos», etc. etc. A chamada «moral da história» surge sempre no final do texto, nunca no título. Portanto, escrever «O triunfo dos porcos» enquanto título desta novela é subverter as convenções que presidiram à sua escrita.

Assim, o título *O Triunfo dos Porcos* não só lhe parece um abuso da parte do tradutor, como também vai ao encontro das “críticas que foram lançadas a Orwell aquando da publicação de *Animal Farm*, e que ele tentou rebater com toda a energia” (comunicação pessoal, 23 de agosto de 2023). Faria lembra a correspondência trocada por Orwell com o amigo Dwight Macdonald em 02/12/1946 e acrescenta:

muitos intelectuais anti-estalinistas se queixavam de que a parábola de *Animal Farm* implicava que a revolução acabava sempre por prejudicar a arraia-miúda, logo ‘que se lixe isto tudo e viva o status quo’. Por outras palavras: se os porcos são (à partida) muito mais inteligentes do que os restantes animais, acabarão sempre por se aproveitar da revolução, corrompendo-a e pondo-a ao seu serviço. Orwell estava bem ciente desta «falha» na sua fábula (com efeito, há qualquer coisa de inevitável na evolução e no epílogo da história que ele construiu, tendo em conta as premissas).

Desta forma, Faria receia que seja possível ler a fábula “como um ataque a todas as revoluções (coisa que Orwell não pretendia, longe disso)” (comunicação pessoal, 23 de agosto de 2023) e relembra a resposta que Orwell deu ao amigo a (05/12/1946):

aquele género de revolução (uma revolução violenta, conspirativa, liderada por gente sedenta de poder, ainda que inconscientemente) degenera sempre numa simples mudança de amos. Se as pessoas acham que eu defendo o status quo, é porque, creio, se tornaram pessimistas e partem do pressuposto de que não há alternativas, à parte a ditadura, por um lado, ou, por outro lado, o capitalismo *laissez-faire* (tradução de Paulo Faria).

O tradutor esclarece que “Orwell sabia que a sua fábula podia ser lida de vários modos e não queria que essa leitura fosse a do conformismo, a do baixar de braços perante as injustiças do mundo”(comunicação pessoal, 23 de agosto de 2023) e reitera que:

o título *O Triunfo dos Porcos* sublinha (a traço grosso, no meu entender) a tal suposta inevitabilidade que alguns leram no texto de Orwell: os porcos triunfarão sempre, mais vale não fazer revoluções.

Faria conclui afirmando que da entrada de *Animal Farm*, assim como o resto da obra de Orwell, no domínio público, resultou um aumento significativo de novas traduções para português e confirma que, após ter folheado algumas, não encontrou nem notas prévias dos tradutores, nem textos que justificassem a escolha do título e confessa que:

Não me acho mais inteligente nem mais competente do que a maioria dos meus parceiros de ofício, mas parece-me que um tradutor tem obrigação de justificar as suas escolhas. No caso de uma obra como *Animal Farm*, havendo dois títulos totalmente diferentes (e que traduzem leituras totalmente diferentes da obra) utilizados em traduções anteriores, parece-me bizarro que o tradutor não se sinta compelido a justificar os fundamentos da sua escolha. Escolha essa que terá de radicar nas origens da obra, na sua génese, naquilo que o autor pretendeu alcançar e dizer.

Enquanto que o tradutor de *A Quinta dos Animais* considera que a escolha do título é absolutamente essencial para compreender a obra e para que seja possível ir ao encontro da intencionalidade do autor em conservar como uma fábula esta sátira política, é possível verificar que outros tradutores optaram por seguir o título dado por Maria Antunes, talvez por considerarem este título mais original e considerarem que não desvirtua a estrutura literária escolhida por Orwell. No caso da Guerra & Paz, a editora considerou que a melhor opção seria restituir o título original, mas ainda assim manter *O Triunfo dos Porcos* como subtítulo. A escolha deste subtítulo passa também por não querer que se associe a obra a uma fábula infantil, mas sim à aquela que ganhou já para o público português uma relevância cultural.

Este receio de que a obra poderia ser confundida com um livro para crianças não é recente. Quando Orwell conseguira publicar *Animal Farm* em 1945, algumas livrarias britânicas colocaram o livro na secção da literatura para crianças e Orwell viu-se obrigado a ir mudá-los de sítio (Rodden, 1999, 129).

John Rodden, no livro *Understanding Animal farm: a student casebook to issues, sources, and historical documents*, revela que, inicialmente, a obra não foi compreendida como uma sátira política. O autor questiona como foi possível que, numa altura em que os acontecimentos retratados na obra de Orwell acompanhavam de perto o clima político que se vivia, *Animal Farm* tenha sido erradamente interpretado e de tal forma que até mesmo as editoras britânicas tenham confundido o clássico da literatura com um conto para crianças. A linguagem simples utilizada por Orwell e a forma da obra, por ter a estrutura de uma fábula, funcionam como elementos-chave para que tenha sido esta a interpretação do público e o sucesso que a obra tivera depois de 1945, precisamente devido aos elementos mencionados, poderá ter diminuído o impacto da sátira no público, tendo em conta que o contexto histórico é complexo, mas a obra não, e acrescenta:

Orwell's "simple" little book is quite sophisticated – and likely to deceive into taking it too lightly if they are inattentive to the parallels between the story and the Soviet history. (Rodden, 1999, introdução)

Rodden refere a carta que um amigo de Orwell lhe enviou dizendo que o filho conservador ficara muito agradado com a obra e afirmou tratar-se de "very strong Tory (conservative) propaganda" (Rodden, 1999, introdução). O amigo concluiu a carta alertando Orwell de que "the danger of this kind of perfection is that it means very different things to different readers" e avisou-o de que, por se tratar de uma alegoria, era de esperar que Orwell fosse "misunderstood on a large scale about his book, it is a form that inherently means more than the authors means, when it is handled sufficiently well" (idem).

A eficácia e a superficialidade da narrativa que acompanha a história de animais numa quinta pode levar a que leitores mais desatentos falhem em compreender a obra pela

sua dimensão política e histórica (idem). Isto acontece precisamente pela linguagem simples utilizada por Orwell, pela narrativa imediata e pelas suas personagens unidimensionais que escondem as intencionalidades complexas do autor (idem). A categoria na qual a obra se encaixa e a necessidade de se colocar obras literárias em géneros (ficção e não ficção, biografias e autobiografias e histórias para adultos e para crianças) é outro dos motivos que levaram a que a obra fosse inicialmente confundida como sendo dirigida a um público infantil (idem) – razão pela qual muitas editoras eliminaram o subtítulo *A Fairy Story* - uma vez que *Animal Farm* é, a um primeiro nível, tanto uma história para adultos como para crianças (idem). Porém, Rodden reitera que a obra não é, de todo, uma história para crianças e esclarece que se trata de uma alegoria política acerca da história da União Soviética (idem), na qual o subtítulo é uma piada irónica, já que a “beast fable” de Orwell não era nenhuma “história de encantar”, mas sim algo que estava acontecer naquele momento histórico e que poderia muito bem voltar a repetir-se (idem).

Animal Farm é uma alegoria escrita sob a forma de uma “beast fable”, um género clássico grego de Esopo no sec. V a.C. (idem). Estas fábulas contavam as desventuras de animais e serviam como moral para indicar a bestialidade dos humanos que pretendem criticar e que representam na história (idem). Uma alegoria designa uma “symbolic tale that treats a spiritual subject under the guise of a wordly one”(idem). A palavra derivado grego *allegorein* (idem) e é também uma:

Figura de estilo complexa, de carácter macro-estrutural, que é constituída por uma sequência continuada de figuras micro-estruturais, baseadas na analogia, que são geralmente metáforas. A alegoria encerra uma comparação alargada entre uma realidade concreta e animada, que é mostrada ao leitor/ouvinte com o objetivo de explicar/clarificar uma entidade abstrata (intelectual, moral, psicológica, sentimental, teórica) (...) Esta realidade mental, de mais difícil compreensão, é representada através de entidades concretas, objetivas, normalmente seres humanos ou animais, com uma finalidade didática. Por isso, a alegoria assume, muitas vezes, a forma de parábola, de fábula, de

sermão, de exemplo, de sátira, etc., e é possível ser encontrada em todos os géneros literários. (Infopédia, 2024.)

Rodden cita o volume *Economic and Philosophical Manuscripts of 1844*, de Karl Marx, como ponto de partida para toda a fábula: “[the worker] in his human functions no longer feels himself to be anything but animal. What is animal becomes human and what is human becomes animal” (Rodden, 1999, introdução). Apesar de a intencionalidade política do autor ser disfarçada por uma narrativa aparentemente inocente, *Animal Farm* tem ainda uma “stinging moral warning against the abuse of power” (Rodden, 1999, introdução) e “like most other allegories, *Animal Farm* operates by framing one-to-one correspondences between the literal and the symbolic level. But they also operate on a symbolic level for readers who know the “code” (idem); o código, neste caso, é a história do comunismo soviético.

As dificuldades de interpretação da obra prendem-se a dois níveis: ou o leitor não compreende a alegoria e o que ela representa ou, caso a interprete apenas como mera propaganda contra o comunismo ou o socialismo, revela-se incapaz de compreender os vários níveis nos quais a alegoria funciona (idem), que, segundo Rodden, são quatro:

- aparentemente, a obra parece ser como uma história para crianças sobre animais e chama a atenção para a opressão que estes sofrem;
- funciona como uma sátira política da revolução russa e da ditadura soviética que se seguiu;
- é um tratado político que revela lições acerca de poder, tirania e revolução, que não se limita a criticar a União Soviética, mas sim de todas as nações no presente, passado e futuro;
- enquanto fábula, a obra traz consigo uma moral. A história termina com uma reunião entre porcos e humanos, na qual os animais observam, estupefactos, que as duas espécies tornaram-se indistinguíveis, quando os porcos começam a caminhar sobre duas patas e a vestir as roupas dos antigos opressores. Neste nível, existe uma relação entre as características humanas que se associam a determinados animais. Veja-se o

caso das ovelhas que apenas se limitam a balir o que lhes é dito sem nunca o questionar e que não mudam ao longo da narrativa. São estas características intrínsecas aos animais que se mantêm, para o melhor e para o pior, ao longo da obra, quer na quinta conservadora e feudal do senhor Jones, quer na quinta dos animais radical e progressiva (Rodden, 1999, introdução). A fábula, neste aspeto, transcende a história e a política e carrega consigo “a universal moral about the ‘animality’ of human nature”(idem).

O impacto ideológico que um título poderá ter no leitor e na sua leitura da obra é inegável. No caso de *Animal Farm*, as opções de tradução do título poderão não só ser uma apropriação por parte do tradutor, como ainda desvirtuar a leitura que será feita pelo leitor. No que toca ao título, é possível verificar que, nas restantes línguas europeias, este foi traduzido de forma literal. Como se observa na Tabela 12, existe uma variedade de títulos diferentes em português europeu. Títulos como *O Porco Triunfante* e *O Triunfo dos Porcos* detêm, assim, uma originalidade que escapa às traduções de outras línguas. É ainda possível verificar que o subtítulo *A Fairy Story* foi omitido, não só também por quase todas as traduções em Portugal, como também parece estar ausente em quase todas edições publicadas em outras línguas europeias, com exceção do alemão e uma edição francesa. A obra tem como subtítulo “A Fairy Story” numa altura de grande frustração para com as Forças Aliadas, quando estas se recusavam a admitir as atrocidades cometidas pela União Soviética durante a Segunda Guerra Mundial, sendo, por isso, necessário para transmitir a intencionalidade do autor que pretendeu escrever uma história para adultos que até crianças conseguiriam compreender. Contudo, a ausência de subtítulo na grande maioria das edições feitas em Portugal e nos países europeus indicados na Tabela 12, revela que, possivelmente, esta decisão se deveu a um receio de que o subtítulo viesse confirmar a ideia de que se trata de uma história infantil.

Tabela 12 – Tradução do título e subtítulo de *Animal Farm* em diferentes línguas europeias.

Inglês	Animal Farm: A Fairy Story
--------	----------------------------

Português	O Porco Triunfante
	Rebelião na Quinta
	O Triunfo dos Porcos
	A quinta dos Animais
Espanhol	Rebelión en la Granja
	La Granja de los Animales
Francês	Les Animaux partout!
	La République des animaux
	La Ferme des Animaux: fable
	La Ferme des Animaux
Italiano	La fattoria degli animali
	Fattoria degli animali
Alemão	Farm der Tiere. Ein Märchen

3.2. A tradução de nomes próprios

Existe, há várias décadas, um consenso por parte dos tradutores de que os nomes próprios não se traduzem. No contexto da tradução literária, estando esta dependente de um conjunto de fatores específicos, nomeadamente o estilo do autor ou a época, esta “regra” pode não ser a mais adequada, na prática.

Ainda que a regra geral em tradução seja a de que os nomes próprios são intraduzíveis, Christiane Nord assinala que os tradutores abordam esta questão de maneira muito distinta e nota que nem sempre usam as mesmas técnicas para todos os nomes que estão a traduzir ao longo de um determinado texto. Os tradutores podem optar pela não tradução, o que pode resultar numa diferença de pronúncia, pela transcrição ou

transliteração de um alfabeto que não seja latino, pela adaptação morfológica ou cultural, ou ainda optar pela substituição (Nord, 2003, p. 183). No que toca à não ficção, não ocorrem substituições, exceto se considerarmos, por exemplo, que a tradução de “Carlos I” (de Espanha) para “Karl V” (da Alemanha) é uma substituição cultural. Contudo, todas as restantes técnicas ocorrem tanto em ficção como em não ficção, quando estamos a referir-nos a personagens históricas, e temos os exemplos da tradução de “Queen Elizabeth II”, em inglês, para “Königin Elisabeth II” em alemão e, em espanhol, “reina Isabel II”. Verifica-se ainda a forma como, em espanhol, “reina Isabel I la Católica” é traduzida para “Isabella I, die Katholische”, e não para “Elisabeth I, die Katholische”, como seria de esperar considerando o exemplo anterior (Nord, 2003, p. 183).

Por norma, os nomes próprios não se traduzem porque “estabelecem uma ligação exclusiva com um referente extralinguístico” (Álvares, 2016, p. 125), ao contrário dos nomes comuns, que dizem respeito ao conceito representado por uma classe de objetos. Os nomes próprios são “transpostos tal e qual do texto-fonte para o texto de chegada”(idem), operando o processo de “*report*”, ou seja, através de uma:

opération du processus cognitif de la traduction consistant à transférer tout simplement du TD dans le TA des éléments d’information quine nécessitent pas ou presque pas d’analyse interprétative. (Delisle, 1993 p. 42, citado por Álvares).

Dalila Lopes reitera este argumento ao afirmar que não se pode falar propriamente de tradução de nomes próprios, uma vez que estes “denotam” e não “conotam o seu portador” (Lopes, 2005, p.2), não tendo por isso conteúdo semântico, o que leva a que não haja:

nada para verter da língua de partida (LP) para a língua de chegada (LC); resta-nos então, teoricamente, a hipótese de transpor o nome próprio da LP para a LC, e transpor não é traduzir, na verdadeira acepção da palavra (idem).

Traduzir nomes próprios poderia levar a “graves erros de compreensão” (Álvares, 2016, p. 125), e temos como exemplo a confusão que causaria num leitor tentar

traduzir o nome dos jornais “El Mundo” e “Le Monde” ou “L’ Express” e “Expresso” (idem). Este processo de *report* verifica-se maioritariamente em designações de marcas e não causa estranheza nenhuma ao leitor quando se traduz Peugeot ou Nutella para diferentes línguas exatamente da mesma forma (idem). Este parece ser um procedimento recente quando o título existe num contexto em que “surge como uma marca de um produto comercial, inequivocamente identificável em qualquer canto do mundo” (idem) e o mesmo se verifica para o caso de títulos de séries televisivas, mesmo quando o título seja constituído por um sintagma que tem como núcleo um nome comum (Álvares, 2016, p. 126).

Nord confirma que no mundo real, apesar de os nomes próprios não serem descritivos, isso não significa que não possam fornecer informações importantes sobre o seu referente, nomeadamente o género e talvez até a idade, se o nome for atribuído como referência a uma personagem ou personalidade que esteja na moda numa determinada época (Nord, 2003, p. 183). Os nomes também podem indicar se se trata de um animal de estimação ou de uma localização geográfica e, assim, “unlike generic nouns, proper names are mono-referential, but they are by no means mono-functional” (idem). A autora dá como exemplos nomes como “Don Modesto”, que pode fornecer informação acerca do carácter da personagem, ou nomes como “White Rabbit”, que descreve uma característica física da personagem.

Apesar de autores como George Moore e Georges Mounin considerarem que os nomes nunca devem ser traduzidos, salvo (no caso de Georges Mounin) quando um nome próprio estiver já adaptado para outra língua e seja já aceite e utilizado com frequência (apud Ballard, 2001, p. 15, citado em Álvares, 2016 p. 126) a verdade é que “there are no rules for the translation of proper names” (Nord, 2003, p. 184).

Existem diferentes tipologias da classe de palavras de nomes próprios, com categorias muito diferentes como: realidades culturais e históricas, produtos e marcas comerciais, títulos de livros, revistas ou obras de arte, designações de instituições diversas (Álvares, 2016. P. 126) e, na prática, a tradução de nomes próprios é mais difícil de resolver do que na teoria, ultrapassando assim uma mera “escolha binária e taxativa”(idem).

Lopes afirma ser necessário “reequacionar a questão do conteúdo semântico dos nomes próprios, e proceder a uma análise que permita a sua distinção em vários tipos” como forma de tentar responder à “incongruência entre o que foi exposto em termos teóricos e o que de facto verificamos ocorrer em termos práticos” (Lopes, 2005, p. 2).

A autora cita Lyons (1980) quando afirma que os nomes próprios, quando são usados em termos de referência, designam entidades “utilizando a associação única e arbitrária entre um nome próprio e o seu portador” e não por via do conteúdo semântico que possam ter (Lopes, 2005, p. 2). No entanto, esta associação pode não ser totalmente arbitrária e é possível que tenha uma motivação, como é exemplo o nome “Clara” (alguém com a pele clara) ou Rua Direita (uma rua, que comparativamente com as outras, pode ser mais linear) (Lopes, 2005, p.2). Aqui, “está um conteúdo semântico considerado descritivo do designado”, mas mesmo nestas circunstâncias “a partir do momento em que é atribuído, passa a funcionar como designador do seu portador, independentemente da motivação que tenha estado na base da sua atribuição” (Lopes, 2005, p. 3), já que, no decorrer da existência ontológica do designado, podem ocorrer transformações que levem a que as motivações por detrás da atribuição de um determinado nome possam, noutro momento, deixar de ser adequadas à descrição do designado, sendo que nome próprio mantém-se assim, apesar desta “instabilidade objectivo-ontológica” (Harweg, 1997, p. 153 e ss., citado em Lopes, 2005, p. 3).

De um modo geral, os autores parecem estar de acordo no que toca à dificuldade em traduzir nomes próprios. Não parece existir uma “regra” definitiva de que estes são intraduzíveis e, no que toca ao contexto de tradução literária dos nomes em *Animal Farm*, que será analisada no próximo subcapítulo, existem duas perspetivas principais a ter em consideração: o “respeito pelo texto original e pelas formulações do autor” (Álvares, 2016, p. 126), que devem ser conservados na tradução, e a consciência de que as “as escolhas a operar na tradução são limitadas, ou conduzidas” (idem) pelo tipo de texto e pela situação comunicativa, “nomeadamente no aspeto do novo leitor a que o texto traduzido se dirigirá” (idem).

3.2.1. A (in)traduzibilidade dos nomes próprios em *Animal Farm*

É precisamente nestas questões que os tradutores de *Animal Farm* parecem estar divididos: conseguirá o novo leitor reconhecer que os nomes das personagens em inglês dizem respeito às personalidades da vida real da história da união soviética? A tradução destes nomes facilitará esta interpretação? No entender de Paulo Faria, esta tradução é essencial para respeitar a intencionalidade de Orwell, que concebeu esta obra como uma fábula satírica. Tendo isto em conta, de que forma é que optar por não traduzir os nomes próprios poderá desvirtuar essa intencionalidade?

Em seguida (Tabelas 13, 14 e 15) apresentam-se as traduções dos nomes próprios das personagens animais, humanas e dos locais mais importantes que foram escolhidas para análise. A edição de *Animal Farm* usada como referência nas tabelas é de 1962 e foi publicada pela editora Secker and Warburg.

Tabela 13 – Tabela que compara as diferentes opções dos tradutores de *Animal Farm* para os nomes das personagens animais.

Original	Tradutor/a					
	Almirante Aprá	Maria Antunes	Pedro Rodrigues	Guilherme Pires	Paulo Faria	Cláudia Aurélio
Animal Farm: A Fairy Story	O Porco Triunfante	O Triunfo dos Porcos	O Triunfo dos Porcos	A Quinta dos Animais	A Quinta dos Animais Uma História de Encantar	A Quinta dos Animais O Triunfo dos Porcos
Napoleon	Napoleon	Napoleão	Napoleão	Napoleão	Napoleão	Napoleão

Old Major	Velho Major	Velho Major	Velho Major	Velho Major	Velho Major	Velho Major
Boxer	Boxer	Boxer	Sansão	Lutador	Trovão	Boxer
Squealer	Squealer	Squealer	Tagarela	Guincho	Tagarela	Squealer
Snowball	Snowball	Snowball	Bola-de-Neve	Bola-de-Neve	Bola-de-Neve	Snowball
Mollie	Mollie	Mollie	Mimosa	Carlota	Mimi	Mollie
Moses	Moses	Moses	Moisés	Moisés	Moisés	Moses
Muriel	Muriel	Muriel	Maria	Muriel	Sofia	Muriel
Benjamin	Benjamim	Benjamim	Benjamim	Benjamim	Benjamim	Benjamim
Clover	Clover	Clover	Dalila	Trevo	Feijoca	Clover
Pinkeye	Pinkeye	Pinkeye	Ramela	Olho-Cor-de-Rosa	Ramela	Pinkeye
Minimus	Minimus	Minimus	Mínimo	Mínimo	Mínimo	Minimus
Bluebell	Bluebell	Bluebell	Sininho	Campainha	Mimosa	Bluebell
Jessie	Jessie	Jessie	Jéssica	Joaninha	Ginja	Jessie
Pincher	Pincher	Pincher	Lobo	Belisco	Lebréu	Pincher

Tabela 14 - Tabela que compara as diferentes opções dos tradutores de *Animal Farm* para os nomes das personagens humanas.

Original	Tradutor/a					
	Almirante Aprá	Maria Antunes	Pedro Rodrigues	Guilherme Pires	Paulo Faria	Cláudia Aurélio

Animal Farm: A Fairy Story	O Porco Triunfante	O Triunfo dos Porcos	O Triunfo dos Porcos	A Quinta dos Animais	A Quinta dos Animais Uma História de Encantar	A Quinta dos Animais O Triunfo dos Porcos
Mr. Jones	Sr. Jones	Sr. Jones	Sr. Silva	Sr. Jones	Sr. Reis	senhor Jones
Mr. Frederick	Sr. Frederick	Sr. Frederick	Sr. Jacinto	Sr. Frederick	Sr. Germano	senhor Frederick
Mr. Pilkington	Sr. Pilkington	Sr. Pilkington	Sr. Sebastião	Sr. Pilkington	S. Bonifácio	senhor Pilkington
Mr. Whymper	Sr. Whymper	Sr. Wymper	Dr. Castro	Sr. Whymper	Dr. Respiga	senhor Wymper

Tabela 15 - Tabela que compara as diferentes opções dos tradutores de *Animal Farm* para os nomes dos locais mais importantes

Original	Tradutor/a					
	Almirante Aprá	Maria Antunes	Pedro Rodrigues	Guilherme Pires	Paulo Faria	Cláudia Aurélio

Animal Farm: A Fairy Story	O Porco Triunfante	O Triunfo dos Porcos	O Triunfo dos Porcos	A Quinta dos Animais	A Quinta dos Animais Uma História de Encantar	A Quinta dos Animais O Triunfo dos Porcos
Manor Farm	Fazenda agrícola «Manor»	Quinta «Manor»	Quinta Augusta	Quinta do Feudo	Quinta do Infantado	Quinta da Mansão
Foxwood	Foxwood	Foxwood	Quinta das Raposas	Quinta do Bosque da Raposa	Tapada das Raposas	Foxwood
Pinchfield	Pinchfield	Pinchfield	Quinta da Bela Vista	Quinta do Aperto	Herdade de Águas Vivas	Pinchfield
Willingdon	Willingdon	Willingdon	Mealhada	Willingdon	Benquerença	Willingdon
Red lion	Adega do leão Vermelho	Leão Vermelho	Leão Vermelho	Leão Vermelho	Leão Vermelho	Red Lion
Sugarcandy mountain	Montanha de Açúcar	Montanha de Açúcar	Montanha do Algodão Doce	Montanha dos Doces Açúcar	Montanha do Algodão Doce	Montanha do Algodão-doce

Na Tabela 14, 15 e 16 constam as traduções que foram escolhidas para análise. Esta recolha foi feita manualmente das edições escolhidas. Depois de uma breve análise das traduções disponíveis no mercado em 2023 foram selecionadas apenas algumas. A tradução de Almirante Alberto Aprá foi escolhida por ter sido a primeira tradução em Portugal, apenas um ano após a publicação do original no Reino Unido. A segunda

tradução, de Maria Antunes, foi escolhida por ter sido aquela que introduziu *O Triunfo dos Porcos* ao público português - título que ficou na memória do leitor português até à data. A tradução de Paulo Faria revela-se essencial para a análise porque foi com esta que, em 2008, o título original foi introduzido. As traduções de Pedro Rodrigues e Guilherme Pires foram escolhidas por se revelarem originais na forma como traduziram os nomes próprios, optando por não manter os nomes originais.

No que toca à ficção, ainda que os nomes próprios sejam ficcionais, estes podem remeter para pessoas da vida real, como é o caso da obra de Lewis Carroll *Alice in Wonderland*. Neste aspeto, a questão da tradução ou não tradução dos nomes das personagens em *Animal Farm* ganha uma relevância particular, já que os nomes das personagens não só remetem para personalidades da vida real, como a sua interpretação é absolutamente essencial para compreender o propósito político e estético que o autor pretendeu conciliar nesta obra. O debate acerca da traduzibilidade dos nomes das personagens em *Alice in Wonderland* prende-se com ter (ou não) de adequar a obra a um público adulto, já que “experts are still debating whether the original Alice in Wonderland is a book for children or for adults” (Nord, 2003, p.194). Contudo, no caso de *Animal Farm*, não existem dúvidas de que a fábula é dirigida a um público adulto, que é satirizado através de uma “fairy story” e que tem de ser capaz de compreender aquilo que as personagens representam. No caso de *Alice in Wonderland*, não é necessário que o leitor descodifique os nomes que inspiraram as personagens, uma vez que “the Alice of the book is a fictional character, and no reader would expect her to be a true reproduction of the “real” Alice Liddell for whom Lewis Carroll wrote the story” (Nord, 2003, p. 186).

Como discutido no capítulo anterior “A questão do título: *A Quinta dos Animais* ou *O Triunfo dos Porcos*? - análise dos títulos da obra *Animal Farm* em Portugal”, a obra de Orwell foi inicialmente confundida com um livro para crianças, razão pela qual é possível que se tenha eliminado o subtítulo em praticamente todas as edições portuguesas. Algumas editoras poderão ter-se sentido na obrigação de manter os nomes das personagens em inglês de forma a que o público compreendesse que o livro não é dirigido a um público infantil. Como nem o primeiro tradutor, nem a

tradutora Maria Antunes, deixaram qualquer nota que esclarecesse as suas opções, tanto no caso do título, como das personagens, parece ser esta a justificação mais plausível. Outra razão que justifique uma não tradução dos nomes neste contexto prende-se com a “regra”, já discutida no início do capítulo, de que os nomes próprios não se traduzem para não levar a erros de compreensão.

A editora Guerra & Paz considera que a tradução dos nomes das personagens pode ser abordada de vários pontos de vista. No entanto, acredita que os nomes próprios são intraduzíveis, mesmo em contexto literário. A filosofia de base é que o leitor não deve ser “diminuído”, razão pela qual a editora também evita as notas de rodapé. Por outras palavras, se o leitor atual conseguir perceber que os nomes dos animais têm significados, este poderá facilmente obter informações acerca dos mesmos. A editora salienta ainda a incongruência a que poderia levar a tradução dos nomes das personagens. Caso estes se traduzissem, domesticar-se-iam os lugares da obra, a quinta inglesa seria transformada numa quinta portuguesa? A editora argumenta ainda que a tradução não serviria para a compreensão da obra, uma vez que os significados dos nomes dos animais vão além dos seus significados literais e que, atualmente, não existe em Portugal uma domesticação dos textos, exceto em livros infantis e, até mesmo nestes, graças ao ensino do inglês desde tenra idade, a tendência parece estar a mudar.

No caso da tradução literária, respeitar a intencionalidade do autor é particularmente relevante e Álvares alerta para a “tradução etnocêntrica” e para o perigo de domesticar um texto que acabe por deturpar o texto original e as “especificidades estilísticas do autor” (Álvares, 2016, p. 127), mesmo em prol “da capacidade de compreensão e decodificação do novo leitor” (idem). A autora afirma que a tradução de nomes de personagens num romance não é admissível, assim como substituir um topónimo por outro mais próximo da realidade cultural do leitor-alvo ou adaptar linguística e culturalmente o texto (idem). Apesar de serem procedimentos comuns em décadas anteriores em obras narrativas, atualmente, a autora confirma que a tradução literária parece direccionar-se para a manutenção das designações originais, de forma a que “a decodificação do sentido pleno do texto não seja perturbada” (idem). Ainda

assim, esta não é uma regra fixa e o tradutor pode ter de, quando confrontado com diferentes problemas, encontrar outras soluções que vão ao encontro do objetivo ou função do texto (idem) e, por isso:

se esse mesmo nome próprio for um elemento determinante na informação contida no texto e na sua significação geral, os procedimentos tradutivos terão de ser necessariamente outros. O mesmo se passará se estivermos perante situações como a tradução de um livro infantil, a de um texto de índole publicitária ou a legendagem de uma série de ficção televisiva.

No caso da literatura infanto-juvenil, a autora nota que os jovens dos anos sessenta e setenta conheciam as personagens das histórias de Enid Blyton “como Júlio, David, Zé, Ana e Tim, ainda que tendo consciência de que se tratava de personagens inglesas, a viverem aventuras na Grã-Bretanha” (Álvares, 2016, p. 134). Em Portugal, os jovens dos anos noventa e dois mil conhecem as personagens de Harry Potter pelos nomes em inglês, independentemente da proximidade que possam ter com o português e, apesar da tendência atual ser esta, a tradição no passado era a da tradução, sendo, por isso, que as personagens dos Cinco são ainda traduzidas pelos nomes com os quais as gerações anteriores os conhecem (idem).

A tradução pode ainda ultrapassar os tradutores e as editoras. A autora dá o exemplo da personagem “Anita”, que retomou o nome original de “Martine”, uma vez que a editora francesa pretende tornar o nome da personagem uma marca internacional (idem). Outro exemplo semelhante é o caso de “Aladino”, nome pelo qual muitas gerações ficaram a reconhecer a personagem de *Mil e Uma Noites*, passar a designar-se como “Aladdin”. A razão pela qual o nome da personagem do filme da Disney não é traduzido diz respeito “a uma intenção comercial estratégica, o que, de um ponto de vista, acaba por redundar num certo absurdo contextual” uma vez que muitas línguas tinham já este nome validado pela sua utilização e a designação tem uma “ressonância do inglês americano, quando o seu nome original é árabe, e já muito antigo” (Álvares, 2016, p. 136). A autora conclui que, apesar de o nome “Aladino” ser em português a forma mais comum para se referir à personagem, seja em qualquer texto ou situação, o nome está associado “a uma personagem desenhada concreta e à empresa que o

configurou e registou como tal”, tornando-se, por isso, intraduzível (Álvares, 2016, p. 135).

Foi uma questão de tradição que levou a editora Guerra & Paz a manter como subtítulo *O Triunfo dos Porcos* e, tendo em conta que as edições mais antigas não domesticaram os nomes das personagens, pode ter sido também este o motivo pelo qual muitas editoras decidiram não o fazer. Álvares considera que se pode pensar que, no que toca à tradução de nomes próprios em contexto literário:

a intenção primeira das casas editoras seria a aproximação de obras literárias (particularmente, como nos casos acima referidos, de clássicos da literatura) a um público leitor muito vasto, que, presumivelmente, precisaria da intercessão do tradutor para aceder ao alcance cultural, contextual ou significativo nelas presente – ou, se não para aceder, para mais facilmente o aceitar.

Contudo, a autora reflete sobre o facto de não ser claro que isso assim seja, nem que essas opções advenham de uma posição voluntária e assumida, já que as “convenções no uso das línguas alteram-se, logo a prática de tradução altera-se também” e acrescenta:

Se hoje muitos leitores estranham a tradução de nomes próprios de personagens de romances, provavelmente isso deve-se não tanto a uma reflexão alargada sobre os propósitos e os objetivos da tradução, mas sobretudo ao facto de esses mesmos leitores estarem habituados a que as personagens dos filmes ou das séries televisivas mantenham, nas legendas ou nas dobragens, os nomes originais, mesmo que estes provenham de línguas muito diferentes da sua ou que lhes sejam completamente desconhecidas. (Álvares, 2016, p. 133).

Neste aspeto, a autora confirma a posição da editora Guerra & Paz ao declarar que “poderá parecer até mais útil e eficaz reter uma designação original, seja antroponímica, seja toponímica” (idem), quando o leitor pode aceder à internet de forma rápida e eficaz e obter qualquer informação sobre qualquer texto.

Apesar disto, a autora admite que, em Portugal, as opções e as escolhas que dizem respeito à tradução de nomes próprios em literatura continuam ainda a ser muito díspares (Álvares, 2016, p. 134) e dá como exemplo a tradução da obra de Goethe, *Werther*, publicada em 2014, na qual a editora recorreu a hipocorísticos e diminutivos em português, ao invés de recorrer a Malchen ou Lottchen, escolhendo assim os nomes Malinha ou Lottezinha de forma a conseguir capturar através destes diminutivos um carácter afetivo e carinhoso que, de outra forma, se perderia sem o sufixo (idem).

Álvares alerta para o facto de que, até recentemente, nas traduções de obras ficcionais, os tradutores traduziam nomes de batismo que tivessem um correspondente próximo em português e mantinham os outros nomes e apelidos no original (Álvares, 2016, p. 131). O tradutor Paulo Faria confirma também que os nomes próprios (a até apelidos) só deixaram de ser traduzidos recentemente, argumentando que:

hoje dizemos «Júlio Verne» e não «Jules Verne». Escrevemos «D. Quixote» e não «Don Quijote». Podia dar milhares de exemplos. A razão pela qual esta mudança ocorreu deve-se a um exercício de preguiça mental generalizada. Como as pessoas têm acesso directo à língua original (pela Internet), quase sempre o inglês, passou a achar-se que não valia a pena traduzir. Muitos tradutores escudam-se nisto para não correrem riscos. (comunicação pessoal, 23 de agosto de 2023)

No entanto, Faria entende que, tal como o tradutor tem o dever de explicar as suas escolhas, este tem também a obrigação de correr riscos e acrescenta que “Uma tradução que não corre riscos, que não faz apostas é, quase sempre, uma má tradução” (comunicação pessoal, 23 de agosto de 2023). Dando como exemplo a tradução de *Animal Farm*, o tradutor reitera que:

Contar uma fábula com nomes de pessoas e lugares em inglês não faz sentido nenhum. Escrevemos «Branca-de-Neve», «Barba-Azul», «Capuchinho Vermelho» e assim por diante. Não vejo porque devamos escrever

«Snowball». Pior: em muita tradução presentes no mercado, «Snowball» fica «Snowball», mas «Napoleon» passa a «Napoleão». (comunicação pessoal, 23 de agosto de 2023)

De forma a conservar, enquanto fábula, a estrutura escolhida pelo autor, os tradutores que optaram por traduzir os nomes das personagens recorreram a diferentes estratégias para conseguir encontrar equivalentes que funcionassem em português europeu. Como referido anteriormente, os nomes das personagens correspondem a personalidades reais da história da União Soviética. Orwell escolheu o nome “Moses”, por exemplo, como uma referência bíblica para representar a igreja ortodoxa russa que é expulsa aquando da revolução contra o opressor Mr. Jones, por ser aliada deste, e regressa, depois, quando o domínio dos novos opressores se instala. Uma vez que existe uma aproximação grande com o português, os tradutores optaram por adaptá-lo para “Moisés”. Esta estratégia foi usada por todos os tradutores, incluindo aqueles que escolheram não domesticar o texto, tendo em conta que a proximidade com o português é grande e pareceria redundante não o fazer. O mesmo se verifica com as personagens “Napoleon”, “Benjamin”, “Minimus” que foram adaptados para “Napoleão”, “Benjamin” e “Mínimo”, respetivamente. No caso de “Old Major”, em todas as traduções em análise foi traduzido o nome comum do sintagma nominal, ficando a personagem a chamar-se “Velho Major”. O nome “Snowball” foi traduzido de forma literal “Bola-de-Neve” por todos os tradutores que decidiram adaptar os nomes.

Nomes como “Squealer” ou “Snowball” apresentam uma dificuldade maior e requerem que o tradutor realize alguma pesquisa para que possa compreender o que motivou as escolhas do autor. Sem esta adaptação, tanto a narrativa, como a história, perdem a sua intencionalidade e, por isso, estes nomes, quando traduzidos por Guilherme Pires, Pedro Rodrigues e Paulo Faria seguiram uma lógica que pretendeu ir ao encontro das motivações de Orwell, variando assim em termos de complexidade já que traduzir “Mr. Jones” é menos complexo que traduzir “Squealer”, por exemplo.

Existe uma distinção entre os nomes dados aos animais e os nomes dados às personagens humanas e os tradutores tiveram isso em atenção: as personagens humanas têm nomes que são atribuídos a pessoas e os animais, com exceção de

Muriel e Napoleão, têm nomes que não poderiam ser atribuídos a personagens humanas. “Mr. Jones” foi traduzido para “Sr. Reis” ou “Sr. Silva”, apelidos muito comuns em Portugal e, no caso da tradução de Faria, o nome dado à personagem pode ainda ter uma interpretação extra já que pode ser feita uma associação entre “Rei” e “Czar”, a personalidade histórica que representa o “Mr. Jones”. O nome da personagem humana “Mr. Frederick” foi transformada em “Sr. Germano”, já que o nome “Frederick” é um nome alemão e, uma vez que Orwell pretendeu que a personagem representasse Hitler e a Alemanha nazi, Faria encontrou assim um equivalente que transmitisse essa ideia. O tradutor Pedro Rodrigues optou por um nome comum português, dando-lhe o nome de “Sr. Jacinto”. A outra personagem humana, “Mr. Pilkington”, foi traduzida para “Sr. Sebastião” por Pedro Rodrigues, e “Sr. Bonifácio”, por Paulo Faria. Uma vez que a personagem representa as forças aliadas, o nome “Sr. Bonifácio” pode ter sido escolhido para brincar com o adjetivo “bom”, neste caso, os países “bons” que também são alvo de crítica por parte do autor. A outra personagem humana, o mediador entre a quinta dos Animais e o exterior, Mr. Whymper, é descrita como sendo “solicitador de pequenos negócios, mas esperto o suficiente para perceber mais depressa do que qualquer outro que a Quinta dos Animais ia precisar de um corretor e as comissões iam compensar” (Orwell, 2023, p. 78). Esta personagem foi traduzida para “Dr. Castro”, por Pedro Rodrigues, e “Dr. Respiga”, por Paulo Faria. Ambos os tradutores escolheram substituir “Sr.” por “Dr.”, possivelmente, para remeter para a profissão da personagem como advogado.

Alguns nomes dos animais de *Animal Farm* são nomes que não poderiam ser atribuídos a seres humanos como “Clover”, “Boxer” e “Squealer” e, por isso, têm como função comunicar alguma característica intrínseca à personagem. No caso de “Clover”, esta personagem representa uma égua maternal e foi traduzida para “Trevo”, “Dalila” e “Feijoca”. A personagem “Boxer”, representante da classe trabalhadora, é o símbolo do trabalho árduo e, por isso, foi traduzida, por Pedro Rodrigues, como “Sansão” seguindo assim a tradição dos nomes bíblicos. A mesma personagem foi traduzida ainda como “Lutador” e “Trovão” nas restantes obras em análise. A personagem “Squealer” representa a propaganda da União Soviética e foi traduzida para “Guincho”

e “Tagarela”. O nome “Guincho” remete para o som que um porco faz quando “guincha” (squeals), ou seja, emite um som estridente e desagradável. Segundo Nord, “We have assumed that in fictional texts there is no name that has no informative function at all, however subtle it may be” (Nord, 2003, p. 185) e se esta informação é explícita, “as in a descriptive name, it can be translated” (idem). Desta forma, o nome desta personagem foi traduzida, explicitamente para “Guincho” ou “Tagarela”. Porém, caso a informação seja implícita “or if the marker function has priority over the informative function of the proper name, this aspect will be lost in the translation, unless the translator decides to compensate for the loss by providing the information in the context” (idem). No caso da Guerra & Paz, tendo em conta que a informação ficaria implícita, foi colocada uma nota de rodapé na primeira vez que a personagem aparece de forma a explicar que a palavra “Squealer” remete para um informador e para um som estridente de algo ou alguém que guincha (“squeals”).

Em conclusão, a não tradução de nomes próprios não deve ser tomada como regra, devendo usar-se antes a fórmula “os nomes próprios às vezes traduzem-se, às vezes não” (Álvares, 2016, p. 135). No que toca a *Animal Farm*, os tradutores e as editoras têm perspetivas diferentes no que à (in)traduzibilidade das personagens diz respeito. Enquanto fábula satírica, a obra de Orwell deixou editoras e livrarias confusas desde o momento em que foi publicada e, sendo este um tipo de texto complexo, uma vez que se trata de uma sátira com um formato de uma história de encantar, as posições dos tradutores e editoras ao longo do tempo mostram-se muito diversas. Enquanto que a editora Guerra & Paz julga os nomes das personagens intraduzíveis, Paulo Faria considera que não traduzir os nomes trai a intenção do autor. O tradutor atribui esta falha às questões de precariedade laboral que afetam os tradutores literários, cujas difíceis condições de trabalho e insuficiente remuneração os levam a não sentir a “obrigação de ir além dos mínimos” (comunicação pessoal, 23 de agosto de 2023) e acrescenta que, no caso desta obra, “ler a correspondência de Orwell, refletir nestas questões e escrever notas explicativas dá trabalho e custa tempo (ou seja, dinheiro). Nem todos o têm.” (idem).

Notas introdutórias e prefácios podem auxiliar o leitor na interpretação desta fábula e, especificamente neste contexto, notas deixadas pelos tradutores que justifiquem as suas escolhas são ainda mais relevantes. Assim, muitas editoras optaram por traduzir o prefácio que Orwell escreveu em 1946 à edição ucraniana de forma a que o leitor não estivesse desamparado nesta descoberta.

Considerações Finais

O principal objetivo do presente relatório foi analisar se os nomes das personagens em *Animal Farm* devem ser traduzidos ou não, e quais foram as perspectivas dos tradutores relativamente a esta temática.

Apesar de o estágio ter sido realizado em regime remoto foi dado à estagiária todo o acompanhamento necessário para conseguir realizar a tradução da obra e as assistentes editoriais mostraram-se sempre disponíveis para esclarecer dúvidas, fosse por e-mail, através dos comentários que foram deixados ao longo dos esboços que iam sendo enviados, ou nas reuniões que foram realizadas periodicamente. As sessões iniciais, como descritas no primeiro capítulo do relatório, revelaram-se essenciais para conseguir uma boa preparação no âmbito do trabalho em contexto editorial e de tradução literária e adquirir as competências necessárias à tradução do clássico literário que me foi proposto. A editora Guerra & Paz tem determinadas linhas editoriais relativamente ao título e subtítulo e aos nomes das personagens, pelo que decidi atribuir à obra o título *A Quinta dos Animais* e o subtítulo *O Triunfo dos Porcos*. A editora decidiu também que os nomes não deveriam ser adaptados, pois os considera intraduzíveis. Porém, tive oportunidade de exercer a minha criatividade em outras instâncias como a tradução da canção “Beasts of England”.

No primeiro capítulo, foram expostas as preocupações dos profissionais da área da tradução literária e dado a conhecer o panorama de precariedade que a profissão enfrenta, através do manifesto publicado pelo Coletivo de Tradutores Literários.

Depois de ter sido apresentado o autor e a obra, dando-se especial relevância ao contexto histórico representado no texto literário, cujos acontecimentos narrativos acompanham a história da União Soviética desde a revolução de 1917 até à Conferência de Teerão, foi debatida uma das questões mais proeminentes ligadas à tradução de *Animal Farm*: a questão dos títulos. Verificou-se, depois de uma análise das traduções da obra publicadas em Portugal, que a obra de Orwell apresenta dois títulos marcadamente diferentes, *A Quinta dos Animais* e *O Triunfo dos Porcos*. Não foi

possível saber o motivo pelo qual a tradutora Maria Antunes decidiu, em 1976, atribuir à obra o título *O Triunfo dos Porcos*, mas a verdade é que é por esse título que o público leitor conhece a obra. Foi por este motivo que a editora Guerra & Paz decidiu atribuí-lo, não como título, mas como subtítulo, na edição de 2023. O título original *A Quinta dos Animais* foi atribuído, pela primeira vez, em 2008, com a tradução de Paulo Faria. O tradutor foi contactado para esclarecer a escolha deste título, tendo explicado que, na sua opinião, este é o único título que vai ao encontro da intencionalidade do autor. Orwell, através de uma alegoria, escreveu uma fábula satírica cujas personagens representam várias personalidades da União Soviética e, no entender deste tradutor, atribuir outro nome à obra é um abuso de poder por parte do tradutor.

Por ser uma fábula, a obra de Orwell foi, inicialmente, confundida com uma história para crianças e isso pode ter levado a que a grande maioria das editoras, tanto europeias, como americanas, omitssem o subtítulo *A Fairy Story*. Este receio poderá também ter levado a que os tradutores não adaptassem os nomes das personagens e, assim, deturpassem o género da “beast fable” no qual a obra se encaixa. Depois de uma análise teórica à questão da tradução de nomes próprios, no geral, parece existir o consenso de que a tradução ou não tradução depende de fatores específicos que variam de texto para texto e situação comunicativa. Apesar de existir, por parte dos tradutores, a “regra” de que os nomes próprios são intraduzíveis, a verdade é que, na prática, esta questão é mais complexa. Enquanto que, no passado, a tendência era para a tradução dos nomes das personagens em textos de ficção, na atualidade, a tendência é para deixar os nomes no original. Esta tendência prende-se com o acesso cada vez mais rápido a informação disponível sobre as obras literárias.

Durante o estágio foi-me possível contactar, pela primeira vez, com o mundo editorial e a tradução literária. A experiência que adquiri, ao trabalhar com profissionais da área, revelou-se muito útil na aquisição de conhecimentos relacionados com o trabalho em contexto de editora. Considero que tive um bom acompanhamento e orientação. Além da oportunidade em traduzir e ver publicada uma obra literária, continuo, após o estágio, a traduzir para a editora Guerra & Paz. Conto, com a minha colega de estágio Carolina Mendes, com três obras traduzidas e publicadas pela

editora. Apesar de, neste momento, o panorama enfrentado pelos profissionais da área ser desencorajador, o meu objetivo é continuar a trabalhar na área da tradução literária e no meio editorial.

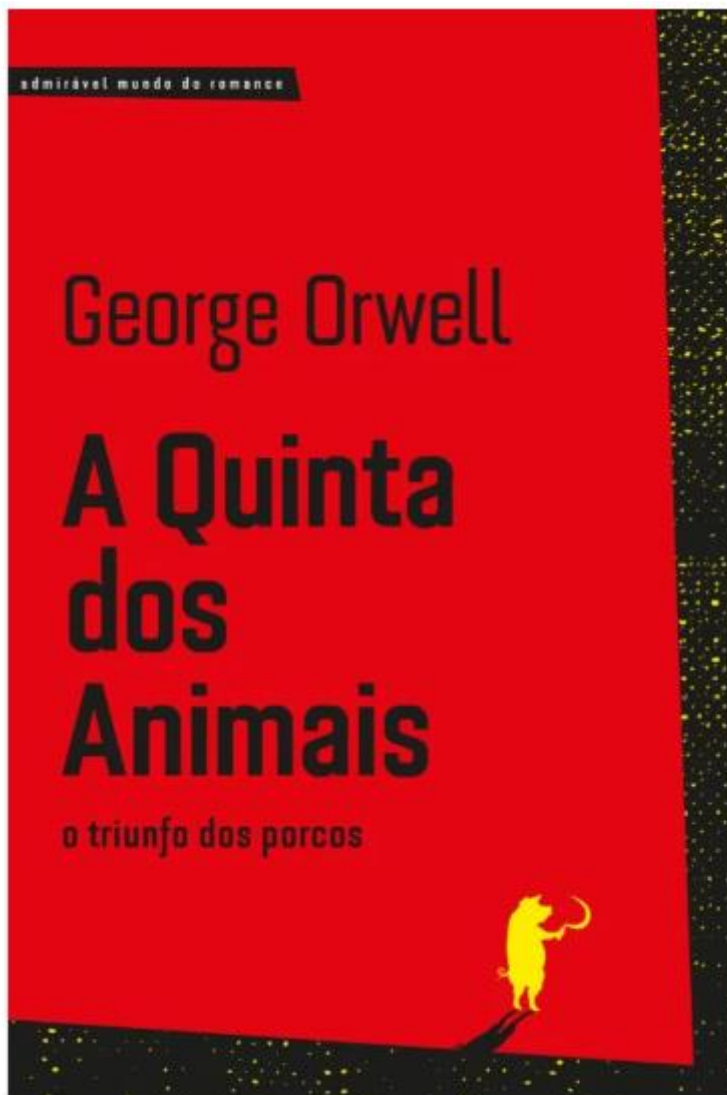
Referências Bibliográficas

- Álvares, L. B. P. (2016). Sobre a tradução dos nomes próprios—algumas reflexões. *RUA-L: Revista da Universidade de Aveiro. Letras*, (5), 125-137.
- Alves, S. (2021). A Tradução Literária em Contexto Profissional: Uma Experiência com a Tradução de *The Curious Case of Benjamin Button*, de F. Scott Fitzgerald, para a Guerra & Paz, Editores. [Universidade Nova de Lisboa].
<https://run.unl.pt/bitstream/10362/132928/1/Relat%C3%B3rio%20CarolinaAlves%20MTradu%C3%A7%C3%A3o.pdf>
- Antígona. (s.d.). *A Quinta dos Animais*. Antígona. Consultado em 1 de setembro de 2024.
https://antigona.pt/products/a-quinta-dos-animais?_pos=1&_sid=9f17cf080&_ss=r
- Coletivo de Tradutores Literários. (s.d.). *Estado da arte: Texto 1*. Coletivo de Tradutores Literários. Consultado em 1 de setembro de 2024.
<https://www.colectivodetradutoresliterarios.com/estado-da-arte-texto-1>
- De Cusatis, B. (2009). A tradução literária: uma arte conflitual. *Cadernos de Tradução*, 2(22). <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2008v2n22p9/9406>
- Guerra & Paz Editores. (s.d.). *Sobre nós*. Guerra & Paz. Consultado em 3 de setembro de 2024. <https://www.guerraepaz.pt/sobre-nos/>
- Hüsgen, T. (2011). Repositório Aberto da Universidade do Porto: Será que a montanha é sempre a mesma?: estratégias de solução de problemas de tradução literária. Universidade do Porto. <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/19675>
- Infopédia. (s.d.). *Alegoria*. Porto Editora. Consultado em 1 de setembro de 2024.
[https://www.infopedia.pt/artigos/\\$alegoria](https://www.infopedia.pt/artigos/$alegoria)

- Lopes, D. (2005). SOBRE A 'TRADUÇÃO' OU NÃO 'TRADUÇÃO' DE NOMES PRÓPRIOS. *POLISSEMA—Revista de Letras do ISCAP*, 1(5).
<https://doi.org/10.34630/polissema.vi5.3352>
- Lyons. J. (1980). *Semântica I*. Lisboa: Presença.
- Nord, C. (2003). Proper names in translations for children: Alice in Wonderland as a case in point. *Meta*, 48(1), 182-196.
- Orwell, G. (1946a). *O Porco Triunfante* (A. Aprá, Trad.). Livraria Popular Francisco Franco.
- Orwell, G. (1946b). *Why I write*. The Orwell Foundation. Consultado em 1 de setembro de 2024. <https://www.orwellfoundation.com/the-orwell-foundation/orwell/essays-and-other-works/why-i-write/>
- Orwell, G. (1962). *Animal farm: A Fairy Story*. Secker and Warburg.
- Orwell, G. (1976). *O Triunfo dos Porcos* (M. Antunes, Trad.). Prespetiva e Realidades.
- Orwell, G. (2008). *A Quinta dos Animais* (P. Faria, Trad.). Antígona.
- Orwell, G. (2021a). *A Quinta dos Animais* (G. Pires, Trad.). Penguin Clássicos.
- Orwell, G. (2021b). *O Triunfo dos Porcos* (P. Rodrigues, Trad.). Cultura.
- Orwell, G. (2023). *A Quinta dos Animais. O Triunfo dos Porcos* (C. Aurélio, Trad.). Guerra & Paz.
- Rodden, J. (2003). Understanding "Animal Farm": A Student Casebook to Issues, Sources, and Historical Documents. Greenwood Publishing Group.
- Rodden, J. (Ed.). (2007). *The cambridge companion to George Orwell*. Cambridge University Press.

Anexos

Anexo 1- Imagem da capa e da contracapa de *Animal Farm* traduzida para a editora Guerra & Paz.



O meu herói. – Tom Stoppard

Farto das condições em que vivem os animais da quinta, o velho Major, um javali benevolente e sábio, incentiva os animais à revolta contra a opressão de que são alvo por parte do seu dono, o senhor Jones.

A rebelião é bem-sucedida e os animais criam, entre si, um sistema de pensamento que fará com que haja igualdade entre todos.

No entanto, com a sedução do poder, poderão os ideais que marcaram o início da rebelião vingar?

Sob a forma de fábula, Orwell faz uma mordaz alegoria socio-política em que descreve a história da União Soviética, fazendo com que os episódios da obra acompanhem cronologicamente o desenrolar dos seus acontecimentos históricos: desde a revolução de 1917 até à conferência de Teerão.

A Quinta dos Animais é, ainda hoje, além de sempre controversa, uma das mais importantes e relevantes contribuições literárias acerca da corrupção dos ideais de igualdade e liberdade pelo poder.

Poderão os porcos vencer?

Orwell conseguia ver as coisas como elas realmente são porque também se conseguia ver a si mesmo. Muitos escritores e jornalistas tentaram imitar o seu tipo particular de clareza, sem possuírem nada comparável à sua autoridade moral.

– Peter Ackroyd

TRADUÇÃO · Cláudia Aurélio

admirável mundo do romance

